

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO  
INFANTIL

Michelle Bicalho de Oliveira

AS INTERAÇÕES QUE ALGUMAS CRIANÇAS DE CINCO  
ANOS ESTABELECEM COM OS DIFERENTES TEMPOS E  
ESPAÇOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE  
CONTAGEM

BELO HORIZONTE

2013

MICHELLE BICALHO DE OLIVEIRA

AS INTERAÇÕES QUE ALGUMAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS ESTABELECEM  
COM OS DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA  
DO MUNICÍPIO DE CONTAGEM

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Paula Cristina David  
Guimarães

BELO HORIZONTE  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

2013

MICHELLE BICALHO DE OLIVEIRA

AS INTERAÇÕES QUE ALGUMAS CRIANÇAS DE CINCO ANOS ESTABELECEM  
COM OS DIFERENTES TEMPOS E ESPAÇOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA  
DO MUNICÍPIO DE CONTAGEM

Trabalho de conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Paula Cristina David Guimarães – Faculdade de Educação da UFMG

---

Convidada: Merie Bitar Moukachar- Faculdade de Educação da UFMG

## RESUMO

A pesquisa com o tema: Tempos e Espaços Escolares contempla uma discussão necessária para a expansão e melhoria da qualidade da Educação Infantil brasileira que ainda oferta esta etapa da educação em espaços inapropriados. Assim, atuar em uma escola que funciona em um prédio adaptado é o que motivou este trabalho. Estudos de Horn (2004) e Jaume (2004) consideram que o espaço é mais um elemento educativo que pode potencializar ou limitar o trabalho docente. Barbosa (2006) acrescenta que rotina e espaços relacionam-se dialeticamente na escola, pois a rotina traz confiança e conforto à criança no ambiente escolar. O objetivo geral do estudo é analisar as interações que algumas crianças de cinco anos estabelecem com os diferentes tempos e espaços de uma escola pública de Educação Infantil do município de Contagem, que se desdobra em dois itens específicos: analisar como as crianças exploram os diferentes espaços da escola e verificar a percepção que elas têm da rotina e dos espaços da instituição. A intervenção foi realizada com uma turma composta por crianças de cinco anos. Foram realizadas rodas de conversa sobre a escola e sobre cada espaço explorado. Também foi realizada conversa individual com as crianças visando obter suas percepções sobre a rotina e os espaços da escola. Todas as conversas foram ouvidas e transcritas para subsidiar as análises. As considerações realizadas apontam que as crianças demonstraram satisfação pela escola e uma preferência pelos espaços externos como o parquinho, quadra e o espaço alternativo, indo ao encontro da superação de um desafio posto por Jaume (2004), de não privilegiar apenas a sala de aula como um espaço educativo. Constatou-se, também, que as crianças dominam a rotina após as dez horas da manhã, onde as atividades se repetem todos os dias. Nos demais horários, como são submetidas semanalmente a experiências em diversos espaços, estão constantemente elaborando o entendimento sobre o dia a dia na escola.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 - UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA.....	10
CAPÍTULO 2 - DE UM ESPAÇO PLANEJADO PARA UM CENTRO DE SAÚDE À UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL .....	16
2.1 Caracterização da escola.....	16
2.2 A organização do trabalho docente na escola e o perfil das professoras da turma pesquisada.....	17
2.3 Sobre as turmas envolvidas na pesquisa .....	18
2.4 Ao se chegar à escola: considerações sobre a entrada .....	19
2.5 O dia a dia das crianças na escola.....	20
2.6 A sala de atividades .....	22
2.7 A Cantoria.....	24
2.8 O salão de festas .....	25
2.9 As atividades de corpo e movimento .....	26
2.10 O espaço alternativo.....	27
2.11 A biblioteca.....	29
2.12 A culinária.....	30
2.13 O vídeo.....	31
2.14 A exploração de um espaço que não consta na organização da rotina da escola.....	32
2.15 O almoço e a escovação dos dentes na escola .....	33
2.16 O parquinho .....	34
2.17 Sobre o que se observou na escola.....	36
CAPÍTULO 3 - UMA TENTATIVA DE EXERCITAR A ESCUTA: AS PERCEPÇÕES QUE AS CRIANÇAS TÊM DOS DIVERSOS ESPAÇOS DA ESCOLA.....	37
3.1 - A roda de conversa sobre a escola de maneira geral .....	39
3.2 – A atividade de corpo e movimento .....	42

3.3 – O espaço alternativo.....	43
3.4 – O salão de festas .....	44
3.5 – A biblioteca.....	45
3.6 A culinária.....	46
3.7 O filme .....	47
3.8 A construção do gráfico .....	47
3.9 As conversas individuais .....	49
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....	53
REFERÊNCIAS .....	56
ANEXO 1 - ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS .....	59
ANEXO 2 - HORÁRIO DE DOCÊNCIA DAS PROFESSORAS .....	60
ANEXO 3 – CROQUI DO PRIMEIRO ANDAR.....	61
FOTOS COMPLEMENTARES.....	62
FOTOS COM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DE CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA.....	66

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa monográfica discorre sobre os tempos e espaços escolares, uma área do conhecimento que tem suscitado muitas investigações por tratar de conceitos que regem a organização das escolas. É uma discussão que dialoga diretamente com a expansão e democratização da Educação Infantil ao problematizar a desigualdade de condições estruturais que muitas crianças são submetidas em escolas de várias regiões do país, constatando que a arquitetura precisa contemplar as necessidades dos educandos, sobretudo de locomoção, socialização, alimentação e de exploração lúdica.

O interesse pelo tema veio da atuação profissional, onde vivenciei duas realidades distintas em escolas que funcionavam em prédios adaptados. A escola de que trata a pesquisa funciona em um prédio cedido pela comunidade e, ao contrário do que se observa na maioria das improvisadas, dispõe de amplos e variados espaços para o exercício das atividades docentes. Atuo há seis anos nesta instituição e em um período concomitante a este trabalhei em uma escola pública de Educação Infantil de Ribeirão das Neves que funcionava em uma casa adaptada, porém, sem espaços externos que contemplassem atividades lúdicas como o parquinho e o movimento. As crianças ficavam a maior parte do tempo em salas pequenas e desconfortáveis (havia uma sala de aula que funcionava na varanda, onde a parede foi feita com madeirite).

Esta experiência é um exemplo do contraste atual existente na Educação Infantil. Na região metropolitana de Belo Horizonte é possível encontrar escolas planejadas e bem estruturadas e também há crianças submetidas a uma educação que depende dos esforços dos educadores para ser estimulante, já que a estrutura física tolhe o desenvolvimento infantil.

O objetivo deste trabalho foi analisar as interações que algumas crianças de cinco anos estabelecem com os diferentes tempos e espaços de uma escola pública de Educação Infantil do município de Contagem. Para tanto, apoiou-se em dois objetivos específicos: analisar como as crianças exploram os diferentes espaços da escola e verificar a percepção que elas têm da rotina e dos espaços da instituição.

Os tempos e espaços desta escola estão legitimados em seu Projeto Político Pedagógico, compondo a sua identidade. Com base nessa experiência foi possível elaborar a hipótese inicial da pesquisa de que as crianças usam da brincadeira, da socialização com os adultos e com seus pares de idade, das atividades direcionadas pelo professor e das atividades de exploração livre para interagir com os diferentes tempos e espaços da instituição,

acreditando-se que suas percepções sobre a escola são positivas, que pensam na instituição como sendo um lugar que propicia alegria e onde se sentem felizes.

A metodologia que guiou este trabalho foi a pesquisa participante. A professora desempenhou também o papel de pesquisadora e realizou uma observação da rotina da instituição que foi registrada por meio de um diário de bordo, fotografias e gravações de vídeos. Em seguida, foi realizada uma intervenção que proporcionou às crianças a exploração dos diversos espaços e usou das rodas de conversa e de conversas individuais para promover a escuta sobre suas percepções acerca dos espaços e da rotina da escola. Todos os diálogos foram gravados em arquivos de áudio ou vídeo.

As práticas pedagógicas observadas e a intervenção realizada foram analisadas à luz de autores como Horn (2004), Jaume (2004), Barbosa (2006) e outras pesquisadoras que se debruçaram sobre a questão espacial e temporal das escolas de Educação Infantil e consideram o espaço como mais um elemento educativo, que pode potencializar ou limitar o trabalho docente, bem como a estimulação e o desenvolvimento da criança. Além disso, espaços e rotina não se sobrepõem na organização da instituição; ao contrário, somam-se para desenvolver uma escola estimuladora e atrativa.

A forma como os tempos e espaços da instituição são planejados e organizados, bem como o mobiliário e os objetos são dispostos, tendo em vista sempre a faixa etária que será atendida, contribuem de maneira significativa para ocorrerem interações ricas e proveitosas para crianças e adultos. É importante que a organização dos móveis, objetos e materiais seja flexível e permita arranjos que não foram previstos, bem como a utilização diferenciada dos espaços, pois bem planejados, são determinantes para a qualidade das interações que neles ocorrem.

Para melhor refletir sobre os caminhos e os resultados desta pesquisa, esta monografia está organizada em três capítulos. O primeiro, intitulado “Uma revisão de literatura sobre o tema”, permite perceber como o tema vem sendo tratado em algumas pesquisas, que destacaram a carência de espaços físicos para as escolas de Educação Infantil que funcionam em prédios inapropriados e, além disso, apontam para os espaços e tempos escolares como elementos educativos que precisam ser considerados criticamente no fazer pedagógico com as crianças pequenas, pois são aliados dos educadores na tarefa de estimular e promover o desenvolvimento infantil.

Já o segundo capítulo: “De um espaço planejado para um centro de saúde a uma escola pública de Educação Infantil” é apresentada a observação realizada no campo de investigação bem como suas análises. Seu objetivo foi o de compreender a organização pedagógica das



professoras, a rotina de uma turma de cinco anos na escola pesquisada e a forma como essas crianças interagem e exploram os diversos espaços da escola. Trata-se de uma rotina que foi elaborada de forma a proporcionar às crianças experiências em diversos espaços e ambientes além da sala de atividades.

No terceiro e último capítulo: “Uma tentativa de exercitar a escuta: as percepções que as crianças têm dos diversos espaços da escola”, foi descrita e analisada a intervenção realizada, que teve como principal objetivo ouvir as crianças em rodas de conversas e conversas individuais para levantar dados sobre suas percepções com relação aos tempos e espaços da escola.

Em seguida são feitas algumas considerações sobre o estudo que, mais do que trazer conclusões sobre o assunto, possibilitaram novos questionamentos e o entendimento sobre a importância dos espaços e tempos na instituição escolar para a plena Educação Infantil.

## CAPÍTULO 1 - UMA REVISÃO DE LITERATURA SOBRE O TEMA

O objetivo deste capítulo é verificar por meio de um levantamento em livros, dissertações, revistas, seminários e documentos eletrônicos as publicações que dizem respeito ao estudo dos espaços e tempos escolares, com maior ênfase nos trabalhos que analisam o tema na primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil.

Nos estudos de Faria Filho e Vidal (2000) os espaços e tempos escolares são explorados dentro de uma perspectiva histórica, destacando que os locais destinados à educação da população brasileira são um dos desafios que o Brasil enfrenta desde o século XVIII.

Os autores estudam as condições em que a educação foi ofertada no país desde o período colonial e identificam as estratégias utilizadas pelo estado para a ampliação e democratização da escola pública. Ressalta-se que este estudo não contempla a Educação Infantil, pois é uma preocupação recente do governo (que conquistou amparo legal a partir da constituição de 1988).

Os pesquisadores atestam que o espaço físico das escolas é um desafio que o estado brasileiro ainda não superou. Apesar de ter avançado muito no ensino fundamental, concluem que “ainda hoje, no Brasil, não há prédios escolares para a população infantil, nem distribuição de material escolar, como carteiras, a todo território nacional” (FARIA FILHO, VIDAL, 2000 p. 29).

A carência de prédios escolares planejados para abrigarem a Educação Infantil é um fato observado por Zamberlan, Basani e Araldi em um estudo realizado em 2007, onde as autoras pesquisaram seis instituições infantis municipais, filantrópicas e universitárias de Londrina analisando, também, a arquitetura dessas instituições, conforme a seguir:

Constata-se, atualmente, que muitas instituições infantis aproveitam estruturas físicas destinadas a residências e as transformam em escolas, sem que haja a menor preocupação com o projeto arquitetônico, ou mesmo com pequenas adaptações. Esse espaço não planejado destinado à educação infantil, por vezes, acaba reduzindo-o fisicamente, fazendo com que o lúdico seja seriamente ameaçado em detrimento de outras atividades pedagógicas (2007 p. 259).

O exercício de atividades lúdicas de qualidade exige amplos espaços disponíveis, segundo as autoras. Nas instituições que funcionam em prédios adaptados, as crianças são submetidas a permanecerem na sala de aula, quase na totalidade do tempo em que se encontram na escola, pois são instituições que não dispõem de outros espaços. Portanto, defendem ser importante uma discussão sobre a arquitetura das escolas de Educação Infantil.

Essa discussão se justifica tendo em mente que o espaço se configura em mais um educador, concepção também partilhada por Faria Filho e Vidal. Funcionando em espaços inapropriados, pressupõe-se que a educação oferecida em tais instituições fica comprometida, deixando de contemplar todas as linguagens necessárias para a estimulação das crianças pequenas.

Vieira (2009) em sua dissertação de mestrado intitulada “A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural” busca compreender a relação entre a organização e o uso do espaço das instituições de Educação Infantil com o desenvolvimento humano das crianças. A pesquisadora trabalhou com a hipótese de que o espaço da sala de aula na Educação Infantil, quando bem organizado, pode estimular as crianças pequenas, contribuindo para seu desenvolvimento e proporcionando relações humanas mais agradáveis entre as crianças e entre elas e os profissionais da instituição. Vieira esclarece que “o espaço é elemento mediador que deflagra novas relações, novas atividades e novas formas de gerenciamento do tempo na escola de educação infantil” (VIEIRA, 2009 p.116). A pesquisadora ressalta a importância do tema para a Educação Infantil, considerando que “O espaço é fundamental para a educação das crianças pequenas, pois é ele que dá o ritmo do que acontece na escola da infância no dia a dia” (VIEIRA, 2009 p.113). Seu trabalho indica que, quando a sala de aula sai da lógica da organização espacial do Ensino Fundamental e adquire um aspecto mais estimulador, com cantinhos variados e materiais acessíveis às crianças, planejados com o objetivo de facilitar com que elas se apropriem da cultura, contribui para a formação de educandos mais autônomos, pesquisadores e criativos, além de favorecer a interação entre os sujeitos envolvidos no processo educativo.

As contribuições de Elali (2003) fazem relações entre os espaços escolares e as questões ambientais. Sua pesquisa tem pontos em comum com a proposta dessa pesquisa intervenção, pois a autora realizou um estudo avaliando como algumas escolas de Educação Infantil de Natal-RN preenchem seu ambiente físico e como a comunidade escolar percebe esses ambientes. A autora também constatou a precariedade dos prédios onde funcionam escolas de Educação Infantil:

O trabalho mostra que, em Natal, o ambiente das escolas para educação infantil não tem sido adequadamente definido/planejado, o que pode dificultar a manutenção da qualidade de vida infantil, uma vez que a área construída apresenta grandes problemas relacionados às condições de conforto (temperatura, ventilação, iluminação e ruídos), e a área livre mostra-se escassa e dotada de poucos recursos naturais (ELALI, 2003 p.315).

Sua pesquisa também indica que as crianças e os professores têm percepções diferentes do espaço escolar. Os educandos destacam mais as áreas livres das escolas e os docentes, embora reconheçam a importância desses espaços, demonstram maior atenção para a estética e a sala de aula. “Em outras palavras, o discurso adulto aponta para uma compreensão do ambiente natural como um cenário para a ação infantil e não como um elemento com participação ativa na vida da criança” (ELALI, 2003 p. 315). Assim, é constatado que os adultos constroem os espaços escolares socialmente e os controlam, instituindo uma ambiguidade na escola, pois esses ambientes deveriam ser planejados e organizados pensando-se em contemplar as especificidades das crianças pequenas. Conclui-se que as organizações espaciais das escolas são determinantes nas relações que as crianças estabelecem com o meio ambiente na perspectiva da sustentabilidade.

Haddad e Horn (2011) afirmam que os espaços das escolas que recebem a criança em idade de frequentar a Educação Infantil são pouco acolhedores. Há carência de material, de brinquedos e também de estímulos que impulsionam o desenvolvimento infantil. Ressaltam que “o espaço é socialmente construído e fruto das interações realizadas por todos os atores que atuam nos contextos de Educação Infantil” (HADDAD, HORN, 2011 p. 42).

Esclarecem que as crianças independentemente de sua idade ou condição física aprendem e elaboram conhecimento por meio da experiência, da vivência e da interação com o meio e com os demais indivíduos: “Os espaços das crianças devem ser acolhedores, receptivos, instigantes, desafiadores, permitir escolha, manipulação, descoberta, transformação e experiência com seus pares” (HADDAD, HORN, 2011 p. 53). Essa reflexão é ampliada com a experiência de alguns países europeus como Itália, Dinamarca, Noruega, Suécia e Finlândia em que as escolas se organizam nessa perspectiva, de forma que suas instituições de Educação Infantil buscam proporcionar espaços instigantes para as crianças, que estimulam a autonomia infantil e se configuram como locais acolhedores da criança pequena. São sistemas de educação que têm a organização espacial das escolas como elementos fundamentais de suas propostas pedagógicas.

Um conceito tratado por Haddad e Horn é a distinção entre espaço e ambiente feita por Lina Fornero em artigo “A organização dos Espaços na Educação Infantil”. São conceitos interligados, mas que se distinguem em alguns aspectos. O termo espaço se refere ao lugar onde a prática educativa acontece, onde se coloca os objetos necessários para o fazer pedagógico, contendo móveis, materiais didáticos e decorativos. O termo ambiente é mais amplo. Ele contempla o espaço físico e as relações que nele se estabelecem entre os

envolvidos no fazer educativo, abrangendo ainda a afetividade e as interações entre adultos e crianças.

As autoras destacam que todos os espaços escolares internos quanto os externos têm potencial educativo e a escola precisa estar atenta para seu arranjo espacial em todos os aspectos, de forma que “o princípio norteador de sua organização é convidar as crianças a estar neles, a conviver, descobrir e criar juntos nestes espaços” (HADDAD, HORN, 2011 p. 59) a finalidade dessa organização é a educação das crianças de forma inteira, numa perspectiva humana, onde corpo e mente estão interligados, de forma que as relações sejam mediadas pela cultura.

O estudo de Jaume reconhece a carência de espaços físicos e de recursos materiais na Educação Infantil e propõe uma organização que contemple as instituições nas suas diferentes perspectivas (públicas, particulares, que atendam apenas a creche ou a pré-escola, em prédios adequados ou adaptados), de forma que “o ambiente deve facilitar e promover o crescimento global da criança em todas as suas potencialidades” (JAUME, 2004 p. 364).

Considera que a organização dos espaços precisa ser flexível, contemplando as necessidades das crianças e promovendo a comunicação, a fim de facilitar a construção de relações entre os sujeitos envolvidos no processo educativo. Ressalta ser importante zelar por ambientes harmônicos, habitáveis, com identidade própria, capazes de acolher a criança de forma prazerosa, sem excessos de mobília ou de estímulos visuais desnecessários, levando-se em conta também que ruídos demais prejudicam a efetivação de relações de qualidade no ambiente escolar.

Para a autora espaço e tempo são elementos da rotina da Educação Infantil interligados, que não se organizam hierarquicamente, pois “entendemos que todos os momentos do dia e todos os espaços podem ser igualmente importantes e educativos” (JAUME, 2004 p. 367). Acrescenta que a rotina é essencial para o desenvolvimento da criança, pois lhe confere referências temporais e espaciais, de forma que “os espaços marcam um ritmo, uma sucessão de fatos e atividades da vida diária” (JAUME, 2004 P.367).

Outra pesquisadora que se dedica a estudar a rotina das instituições de Educação Infantil é Maria Carmen Silveira Barbosa, sua obra “Por amor e por força: rotinas na educação infantil” reafirma a ideia de que a rotina está interconectada a outros aspectos educativos, como espaços e ambientes escolares. Um questionamento feito pela autora mostra a ligação desses dois termos: “é necessária uma rotina para organizar a vida dos espaços educacionais?” (BARBOSA, 2006 p. 13).

Barbosa considera a rotina um elemento central na organização das instituições de Educação Infantil. Sendo assim, de forma dialética, os espaços da escola são levados em conta na organização da rotina e a rotina da escola é levada em consideração na organização dos ambientes educativos. Esclarece que “a rotina foi analisada como instrumento de controle do tempo, do espaço, das atividades e dos materiais, com função de padronizar e regulamentar a vida dos adultos e das crianças em creches e pré-escolas” (BARBOSA, 2006 p. 14) e aponta para a necessidade de se fazer uma análise da rotina escolar de forma reflexiva e questionadora, como forma de homogeneização da Educação Infantil. A rotina é um elemento fundamental do projeto político pedagógico da escola que deve ser constantemente problematizada de modo a promover novos entendimentos dentro da escola de seu fazer educativo.

Machado (2012) estudou a iniciativa do estado brasileiro que visa colaborar para a superação do problema da infraestrutura das escolas de Educação Infantil por meio do programa Proinfância (Programa Nacional de Reestruturação e Aquisição de Equipamentos para a Rede Escolar Pública de Educação Infantil<sup>1</sup>).

Machado analisa o programa em municípios de Alagoas como forma de ampliar o número de vagas em regiões com pouca oferta de Educação Infantil. Foi pesquisada a demanda de 10 municípios e o número de convênios firmados.

A autora constata que mesmo com essa facilidade no âmbito das políticas públicas ainda são poucos os números de convênios firmados, havendo no país regiões privilegiadas quanto à oferta de Educação Infantil em prédios próprios, planejados e confortáveis. Machado faz uma consideração importante tendo em vista a ampliação da obrigatoriedade da escolarização para crianças de 4 a 6 anos e 50% no mínimo de crianças na faixa etária de 0 a 3 anos, a partir de 2016:

mesmo reconhecendo que o Proinfância possa representar uma real possibilidade de ampliação da oferta de vagas para a educação infantil em municípios brasileiros, será necessário um aporte de recurso de modo a ampliar o atendimento desse programa associado a outras políticas locais para dar conta da demanda reprimida nos prazos de universalização da faixa etária de ensino obrigatório previstos em lei (MACHADO, 2012, p.13).

Os trabalhos contemplados nesta revisão de literatura são unânimes ao considerar os espaços e tempos escolares como elementos integrantes do processo educativo. Os autores

---

<sup>1</sup> Trata-se de um programa do governo federal em parceria com os municípios para a construção de unidades planejadas para o atendimento das crianças pequenas bem como a aquisição dos equipamentos necessários para a prestação dos serviços educativos.

pesquisados colocam os espaços das instituições de Educação Infantil como educadores por excelência, pois a forma como são organizados é capaz de determinar se as crianças terão ou não um ambiente que promove a autonomia e a interação entre seus pares e com os adultos, colaborando para o desenvolvimento infantil.

Essas considerações destacam a importância dos espaços e tempos escolares para a qualidade da Educação Infantil, o que se configura como um paradoxo, pois como constatado neste capítulo, ter escolas apropriadas para essa fase da escolarização básica é um desafio que o Brasil ainda não superou. A revisão de literatura constatou que no país ainda é comum, no século XXI, escolas funcionando em casas adaptadas em precárias instalações físicas com carência de mobílias e materiais pedagógicos.

A escola pesquisada é um exemplo desse cenário, pois se trata de uma instituição que funciona em um prédio cedido pela comunidade em regime de comodato e como tal, não foi planejado para atender a Educação Infantil, demandando improvisos e adaptações para o exercício de suas tarefas junto às crianças. Essa pesquisa que também propõe uma intervenção complementa o debate em torno das instalações físicas das escolas de Educação Infantil (no que tange a sua arquitetura e a sua organização) elucidando a opinião das crianças sobre esse espaço, que não foi construído para ela, mas que é cotidianamente pensado e planejado buscando atender as suas necessidades. O diferencial que se apresenta nesta pesquisa é o de perceber as potencialidades e as limitações dos espaços da instituição na perspectiva das crianças que ali estudam.

O estudo vem ao encontro das demandas da educação brasileira na busca por oferecer um ambiente favorável às relações de ensino e aprendizagem com as crianças pequenas, uma vez que conforme essa revisão de literatura constatou o tema espaços e tempos escolares ainda merece muito esforço, investimento e compromisso de todos que zelam por uma Educação Infantil que seja adequada às necessidades das crianças pequenas.

## CAPÍTULO 2 - DE UM ESPAÇO PLANEJADO PARA UM CENTRO DE SAÚDE À UMA ESCOLA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Este capítulo visa inicialmente descrever a escola, situando-a sócio, histórico e geograficamente. Em seguida dedica-se às reflexões acerca da observação realizada, onde é possível ter um panorama sobre sua organização pedagógica, sua rotina e seus espaços a partir das vivências registradas com uma turma de crianças de cinco anos.

### 2.1 Caracterização da escola

A pesquisa foi implementada em uma escola pública de Educação Infantil do município de Contagem, situada na região do Nacional, limítrofe com o município de Belo Horizonte. Está em um bairro urbanizado, porém com carência de estrutura, como rede de esgoto. Percebe-se uma diversidade socioeconômica entre seus moradores, as residências variam de barracões até casas de dois pavimentos com piscina, além de abrigar a Vila Francisco Mariana. O bairro também conta com a construtora MBR e Construservice, o Centro de Treinamento Lanna Drummond do América e o clube da Associação dos Servidores Federais de Minas Gerais. A escola atende às crianças do próprio bairro, da Vila e do bairro vizinho, o Confisco, atuando com um público heterogêneo do ponto de vista social, econômico e cultural.

O prédio abriga atividades distintas: a escola, um grupo de reuniões do Alcoólicos Anônimos e uma fraternidade espírita. Conforme sua planta, ele foi construído para ser uma instituição que prestasse serviços de saúde à comunidade, porém nunca funcionou como tal e foi adaptado para uma instituição de Educação Infantil comunitária que funcionou por mais de dez anos tendo a fraternidade espírita como mantenedora. O processo de municipalização começou no ano de 2004, quando a prefeitura assumiu a escola no regime de comodato e atualmente atende cerca de 230 crianças, as de dois anos no regime integral e as de três, quatro e cinco anos no regime parcial. O nome da escola é um legado desse vínculo com a fraternidade espírita.

Constatam-se os apontamentos de Faria Filho e Vidal (2000), onde historicamente tornou-se prática do poder público o aproveitamento de construções disponíveis nas comunidades para o exercício da docência com as crianças. A escola funciona em um prédio adaptado, cedido pela comunidade e que ainda no período noturno e nos finais de semana



funciona como uma Fraternidade Espírita e abriga as reuniões do Alcoólicos Anônimos. Apesar disso, conta com vários espaços que são destinados a experiências com as crianças e a rotina é elaborada de forma a contemplar um horário para todas as turmas nos diversos espaços da escola, conforme o quadro anexo 1.

Foto 1: A escola no passado



Fonte: Arquivo da escola

Foto 2: A escola no presente



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## 2.2 A organização do trabalho docente na escola e o perfil das professoras da turma pesquisada

Consta a partir do ano de 2008 na Proposta Pedagógica da escola que os professores e Agentes de Educação Infantil devem se organizar em trios, de forma que três profissionais fiquem igualmente responsáveis pela docência em duas turmas. Não havendo o professor referência, o horário (anexo 2) é organizado buscando garantir que cada educador tenha tempo nas duas turmas nas quais seu trio é responsável.

Dessa maneira, as práticas aqui descritas são de uma equipe de três professoras que trabalham juntas desde 2009. São elas Marisa, Mércia<sup>2</sup> e Michelle, sendo esta última a responsável pela pesquisa/intervenção.

Será traçado o perfil de cada professora, pois ao se trabalhar em equipe há uma constante troca de experiências. Além disso, o fazer cotidiano de cada um também é fruto de sua trajetória profissional.

Mércia tem cinquenta e quatro anos de idade, é funcionária da Prefeitura de Contagem há trinta e quatro anos e também atua no período da tarde com crianças do 2º ciclo do Ensino

<sup>2</sup> Para preservar a identidade e a privacidade das outras docentes envolvidas na pesquisa, optou-se por não utilizar seus nomes verdadeiros.

Fundamental na Rede Estadual de Educação em uma escola no município de Contagem. Tem vasta experiência como professora de Educação Física, apesar dessa não ser sua formação, pois é graduada em Normal Superior.

Mércia tem quarenta e nove anos, está na Prefeitura Municipal de Contagem há vinte anos, é graduada em Pedagogia e Educação Artística, pós-graduada em Psicopedagogia. Também trabalha com crianças do 2º ciclo do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, tem afinidade e experiência em Arte.

A professora Michelle, responsável por esta pesquisa intervenção, tem trinta e um anos e é funcionária da Prefeitura Municipal de Contagem há seis. É graduada em Pedagogia e atuou como Pedagoga no município de Ribeirão das Neves. Foi Educadora Infantil em Belo Horizonte e é professora no turno da tarde na Rede Municipal de Belo Horizonte, atuando com crianças do 1º ciclo (alfabetização).

Em 2013 esta equipe é responsável por uma turma com crianças de cinco anos e por uma turma com crianças de quatro anos. Cabe esclarecer que na Prefeitura Municipal de Contagem atuam com as crianças de zero a três anos os Agentes de Educação Infantil, cargo no qual é exigido apenas formação em nível médio, sem exigência do magistério e os professores com formação superior (licenciados em Normal Superior ou Pedagogia) atuam com crianças de quatro e cinco anos, sob a gestão de um Pedagogo e de um Diretor.

### **2.3 Sobre as turmas envolvidas na pesquisa**

Uma turma de cinco anos é objeto dessa pesquisa, porém uma turma de quatro anos também está envolvida no estudo, pois a rotina da instituição promove em diversos momentos a interação dessas duas turmas. Foi realizada observação no período de 24/06/2013 a 05/07/2013<sup>3</sup>.

Por dez dias a pesquisadora foi provocada a atuar como docente e ainda a observar seu próprio trabalho e o das colegas que também ministram aulas na turma. Diante do desafio de observar a própria prática e de tentar distanciar-se de um contexto do qual faz parte há muito tempo, lançou mão de registros escritos, gravações de áudio e de fotos, sob olhar e escuta atenta e apurada para as relações das crianças com os tempos e os espaços da instituição.

---

<sup>3</sup> Com exceção do dia 26/07/2013 em que não houve expediente na escola devido aos jogos da Copa das Confederações no Mineirão. A observação foi retomada dia 13/08/2013 para se registrar a atividade no espaço alternativo que estava interditado neste período.

Este é o primeiro ano que as crianças da turma de quatro anos estão com essa equipe de professoras. Constam nesta turma dezesseis crianças (oito meninas e oito meninos), sendo oito novatas e oito veteranas na escola.

A turma de cinco anos é composta por quatorze crianças (seis meninas e oito meninos), sendo que onze estão na escola desde o ano passado onde também estavam sob responsabilidade das mesmas professoras do ano corrente e três crianças vieram compor o grupo este ano. Portanto, é uma turma que se conhece há mais tempo, onde crianças e professoras têm uma relação consolidada, de forma que as crianças novatas se integraram com facilidade ao grupo e se adaptaram sem problemas à rotina escolar.

#### **2.4 Ao se chegar à escola: considerações sobre a entrada**

O prédio da escola é de esquina. Há na portaria um espaço que vai ao encontro do proposto por Jaume que sugere que a escola disponha de um local na entrada para “exposições das produções das crianças, fotografias de experiências e situações da vida diária da escola” (2004, p.368). São dois murais, um do turno da manhã e outro do turno da tarde. É feita uma escala para que no decorrer do ano todas as turmas tenham seus trabalhos expostos. Geralmente é elaborado com atividades das duas turmas e sob a responsabilidade do trio que está organizando a exposição do mês.

Foto 3: Portaria



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Os murais foram planejados pela primeira vez no Plano de Ação<sup>4</sup> de 2010 e começaram a ser expostos em 2011. Como a escola não tem muro e sim uma grade<sup>5</sup>, todos que passam na rua contemplam os trabalhos das crianças. Essa iniciativa favorece a identificação da criança com a escola, segundo Jaume “a entrada tem um papel essencial, na medida em que pode contribuir para despertar na criança uma atitude positiva em relação ao novo ambiente” (JAUME, 2004 p. 368).

O primeiro espaço ao entrar no prédio é a secretaria, que é isolada com meia parede de tijolos revestida por cerâmicas coloridas e o restante por uma grade. Em seguida há um corredor de acesso no primeiro andar às salas de aula, banheiros e refeitório. Nele há um mural com fotos de experiências das diferentes turmas, sua formulação é responsabilidade da Pedagoga. Há ao lado da secretaria uma escada para o segundo andar que dá acesso às salas de atividades, ao salão de festas e aos banheiros. No segundo andar há algumas salas que a escola não tem permissão dos proprietários para usufruir.

## **2.5 O dia a dia das crianças na escola**

Barbosa (2006) esclarece que a socialização dos sujeitos se dá, principalmente, por instituições como a família e a escola; e esse processo ocorre por meio do que ela chama de ritualização, ou seja, a pessoa acaba por desenvolver atitudes que são habituais no meio em que vive, o que é positivo para seu desenvolvimento, pois “A repetição de certos enquadres, de certas ações, de determinadas práticas dá estabilidade e segurança aos sujeitos. Saber que depois de determinada tarefa ocorrerá outra dá um certo sossego às pessoas, sejam elas grandes ou pequenas” (BARBOSA, 2006 p. 38).

Essa segurança é percebida entre as crianças da turma observada na instituição. Elas prevêm tarefas com base em alguns marcos temporais e espaciais, como o café da manhã, o almoço e o parquinho.

Ao chegarem à escola as crianças vão direto ao refeitório para o desjejum, onde estão as professoras das turmas de três, quatro e cinco anos. No horário de 7:00 às 7:20 é disponibilizado o café da manhã, conforme o cardápio do dia. Várias crianças aceitam o alimento oferecido, mas há aquelas que recusam, pois já se alimentaram em casa.

---

<sup>4</sup> O Plano de Ação é um documento como um planejamento anual que normatiza todas as realizações pedagógicas e administrativas para o ano seguinte. Prevê as ações, o período de execução e seu custo, com a proveniência da verba, quando for o caso de ações que demandem recursos financeiros.

<sup>5</sup> Há muro apenas no espaço onde é o parquinho e a quadra e também na divisa com os dois lotes vizinhos. A maior parte dos arredores da escola é de grade.

Foto 4: Refeitório



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A entrada direto para o refeitório possibilita a interação das crianças de idades e turmas diferentes, sendo um momento de bate papo entre elas e ainda de troca de experiências com as demais professoras. Frequentemente as crianças conversam com as professoras das outras turmas nesse horário.

Às 7:20 as professoras começam a chamar suas turmas para as demais atividades e assim liberar o refeitório para as crianças de dois anos, que ao chegar à escola vão direto à sala de atividades e tomam café da manhã às 7:20 acompanhadas por suas professoras.

Todos os dias, no período observado, as crianças da turma saíram do refeitório e foram para a sala de atividades, onde já habituadas com a rotina, imediatamente penduram as mochilas e quando foi levada tarefa de casa no dia anterior, colocam os cadernos sobre a mesa da professora para verificação. Em seguida brincam por volta de meia hora, com brinquedos de encaixar peças ou brinquedos estruturados (carrinhos, homenzinhos, bonecas e brinquedos de casinha como fogãozinho e panelinhas).

Na ocasião ficou notável a preferência das crianças pelos brinquedos estruturados. Em alguns dias as professoras definiram qual tipo de brinquedo as crianças utilizariam. Em outros houve maneiras diversificadas de definir o brinquedo, como votação ou livre escolha pelas crianças.

No primeiro dia observado, enquanto as crianças brincavam com brinquedos de encaixe, a professora Márcia convidou-as a participarem de uma cantiga de roda na sala. Algumas meninas aceitaram o convite e as demais crianças continuaram brincando nas mesas. Nesse momento, no espaço da sala de atividades, houve dois ambientes. Uma prática das professoras da turma é quando as crianças criam estruturas diversas com as peças de encaixar,

convidá-las a um passeio por todas as mesas para contemplar as criações dos colegas e assim aprender mutuamente, pois ampliam as possibilidades de criação ao observar a criação do outro.

Ao brincarem na sala de atividades com os brinquedos estruturados as crianças também criam vários ambientes no mesmo espaço e percebe-se a questão de gênero. A maioria dos meninos opta por brincar com carrinhos, homenzinhos (super heróis ou guerreiros, geralmente trazidos de casa) e em contextos de polícia e ladrão, muitas vezes circulando por toda sala e brincando no chão.

As meninas preferem os brinquedos de casinha, como fogãozinho, geladeirinha, panelinhas, bonecas, bolsas. Algumas brincam nas mesas, outras criam suas casinhas no chão, nesse contexto também se tornam mães de bonecas e mães e filhas umas das outras.

Meninas e meninos utilizam as cadeiras da sala para delimitarem o espaço de suas brincadeiras e contestam se outra criança que não está no grupo retira alguma. É verificado que alguns meninos têm facilidade para se inserirem nas brincadeiras das meninas, o mesmo não é observado com as meninas, que não compartilharam das brincadeiras dos meninos.

Ao brincarem com brinquedos de encaixe a questão de gênero fica menos em evidência, pois meninas e meninos brincam coletivamente nas mesas montando estruturas que agrada a ambos os sexos, com exceção dos meninos que os utilizam para montar armas, imitando os desenhos animados e jogos de vídeo game que mais gostam, andando pela sala (tais brincadeiras foram repreendidas pelas professoras).

Após esses dois momentos da rotina que acontecem diariamente, o decorrer dos trabalhos diários se dá conforme o horário dos espaços educativos da escola externos à sala de atividades (anexo 1). Esclarecendo que tais espaços são disponibilizados para as duas turmas do trio, contemplando a interação de crianças de turmas diferentes e no caso do trio observado, de idades diferentes.

## **2.6 A sala de atividades**

A sala destinada à turma de cinco anos é retangular, localizada no primeiro andar conforme o anexo 3 (um croqui meramente ilustrativo que não segue uma escala). Ela conta com cinco conjuntos de mesas quadradas com quatro cadeiras cada. O espaço disponível nas paredes para afixar trabalhos das crianças ou demais cartazes é comprometido com três portas e três janelas de acesso ao corredor interno e ao parquinho, quatro armários (dois do turno da

manhã e dois do turno da tarde), uma estante e um quadro branco. Há pendurado nas paredes atividades das crianças dos dois turnos, calendário, planisfério, numerais ilustrados e o alfabeto.

Foto 5: Sala de atividades – turma de cinco anos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Conforme Horn (2004) “planejar a vivência no espaço implica prever que atividades são fundamentais para a faixa etária a que se destina, adequando a colocação dos móveis e dos objetos que contribuirão para o pleno desenvolvimento das crianças” (HORN, 2004 p. 18), nessa perspectiva, a sala de atividades é um ambiente versátil e dinâmico que possibilita diversos ambientes, pois os conjuntos de mesas são reorganizados constantemente para contemplar o planejamento das professoras, como para fazer uma roda de conversa/ouvir histórias, realizar alguma brincadeira, assistir filmes ou ainda realizar tarefas de registro.

Durante a observação foi registrado o uso da sala de atividades da turma em contextos diversos, como listado a seguir:

- Exploração do esquema corporal e do raciocínio matemático.
- Rodas para orientação e explicação das tarefas de casa.
- Roda para cantar músicas folclóricas e infantis.
- Rodas de conversa sobre o cotidiano.
- Manipulação de massinha.
- Marcação da data no calendário.
- Ouvir músicas no CD.

- Ouvir histórias no CD.
- Tarefas de registro escrito e de desenhos no caderno de atividades em sala, orientadas pelas professoras.
- Chamada do dia.
- Contagem das crianças presentes e ausentes.
- Leitura de histórias.

Um fato a ser registrado é que uma menina da sala demonstrou estar atenta ao espaço da sua sala de atividades. Quando brincava com brinquedos de encaixe, questionou à pesquisadora que porta é aquela que fica atrás do armário (que dá acesso à cantina da escola e está isolada).

## **2.7 A Cantoria**

Às segundas, quintas e sextas feiras o turno da manhã realiza a cantoria no pátio da escola das 08:00 às 08:30 (quando está molhado ou em dia de chuva ocorre no salão de festas). Por muito tempo esse momento foi organizado em filas de cada turma à frente de suas professoras. Após conversas entre o grupo de professoras sobre essa forma de agrupar as crianças passou-se a fazer uma grande roda. A cantoria faz parte da rotina da escola que a entende como um momento privilegiado de interação entre as crianças de várias idades, por isso a roda contempla melhor esse objetivo, além de promover a participação de todas as crianças (quando se organizava em fila as últimas crianças geralmente se dispersavam, não participando da atividade).

Em roda, as professoras direcionam a cantoria de músicas do universo infantil, iniciando sempre com uma música de bom dia. Algumas crianças solicitam as músicas que desejam cantar e no decorrer da atividade é propiciado o protagonismo infantil ao serem convidadas para criarem movimentos em músicas diversas, geralmente ficam de pé, para realizarem os movimentos e sentam-se no encerramento para a oração que é feita por uma criança.

A cantoria é considerada pela equipe de profissionais da escola como um momento de interação para crianças e professoras, além de proporcionar o desenvolvimento da linguagem oral e colaborar para socialização e desinibição das crianças. Dessa maneira, contempla uma recomendação de Jaume quanto ao espaço externo:



O espaço externo coloca a criança em situação de adaptar-se a novas experiências que exigem dela novas respostas. São diferentes, por exemplo, os códigos de comunicação, de relação que se estabelecem com o adulto e com as outras crianças. Esse é um ambiente que propicia numerosos e ricos intercâmbios; os processos de socialização e de cooperação encontram momentos privilegiados para seu desenvolvimento. Ao mesmo tempo, oferece a possibilidade de relacionar-se com outras turmas e com outros adultos (JAUME, 2004 p. 375).

## 2.8 O salão de festas

O salão de festas é um amplo espaço coberto, bem ventilado com várias janelas grandes. Tem dois níveis, um ao nível do chão e outro um degrau acima, como se fosse um auditório. Há várias cadeiras que também são utilizadas pela fraternidade espírita em suas reuniões. A escola utiliza esse espaço para as apresentações das crianças, seja internamente, para as demais turmas ou para as famílias em festas diversas (com exceção da festa junina que é realizada no pátio). Também há uma televisão de vinte e nove polegadas e é preciso registrar que em um canto tem muito mobiliário semelhante ao de hospital (macas) uma sobre a outra, de propriedade da fraternidade espírita, bem como sofás velhos e rasgados encostados nas paredes, o que compromete a estética do local.

Foto 6: Salão de festas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

A escola ao disponibilizar esse espaço para as crianças dá autonomia aos docentes para decidirem como utilizá-lo, há trios que se organizam para as atividades de corpo e movimento e há outros que o utilizam para as crianças brincarem com os brinquedos trazidos de casa ou com a cesta de brinquedos da escola.

No caso do trio observado, ele não utilizou o salão de festas nas segundas-feiras (dia previsto no horário da escola), pois as atividades de corpo e movimento das duas turmas só acontecem nesse espaço em dias chuvosos, ocorrendo normalmente no pátio da escola.

## **2.9 As atividades de corpo e movimento**

A primeira atividade de corpo e movimento observada foi ministrada pela professora Márcia e a pesquisadora na quadra (chama-se de quadra um espaço, retangular, que há entre o solário e o parquinho). Brincou-se com cantigas de roda e em seguida foi feito duas equipes (duas filas) de crianças, sem critérios definidos, havia crianças das duas turmas, meninos e meninas misturados em cada equipe, para uma atividade com bola que explorou conceitos como por cima, por baixo, direita e esquerda. Ao voltar para a sala as crianças andaram no caminho da formiguinha<sup>6</sup>, onde a professora passou as crianças também passaram, circulando pelo pátio.

As crianças foram beber água esperando sua vez no portão do refeitório. Um menino da turma do Rio teve uma atitude que não estava prevista e a início poderia ser interpretada como um desrespeito aos combinados, ao voltar do bebedouro ele começou a passar em torno de todas as mesas do refeitório. Ao ser questionado pela pesquisadora ele se explicou: \_ Era mais um caminho da formiguinha. A partir daí todas as crianças, ao invés de voltar do bebedouro em linha reta, fizeram essa exploração do espaço.

Outra atividade de corpo e movimento foi direcionada pela pesquisadora: as crianças das duas turmas saíram da sala fazendo o caminho da formiguinha passando nas linhas do pátio e lá fizeram uma roda, sentadas, para brincar de batata quente. Em seguida, foram todos para a quadra onde realizaram brincadeiras com lançamento de bola.

Ao terminar, todos se deitaram no chão como quiseram. A professora criou uma história para relaxar e ao terminar retornaram à sala de atividades.

Os espaços do pátio e da quadra ao ar livre contribuem para as atividades de corpo e movimento, pois possibilitam a exploração de um amplo espaço com área verde e brinquedos do parquinho que são utilizados nas atividades propostas (principalmente os circuitos).

---

<sup>6</sup> Uma alusão à forma de andar das formigas, em fila indiana, as crianças seguem andando, passando todas pelo mesmo caminho.

## 2.10 O espaço alternativo

Na terça-feira as duas turmas têm um horário no espaço alternativo, uma grande sala no subsolo, (bem ventilada com várias janelas, banheiro, lavatório) organizada como se fosse uma brinquedoteca. Há brinquedos diversos como panelinhas, carrinhos, bonecas, ferramentas, uma vendinha (que é uma pequena estante), brinquedos de salão de beleza, uma casinha de madeira, computadores e telefones velhos, roupas, sapatos e roupas de adultos usados como fantasias.

A escola adquire os brinquedos com verba da caixa escolar. Como não há muitos recursos financeiros, a compra de brinquedos é limitada em quantidade e qualidade. No ano anterior a Prefeitura Municipal de Contagem forneceu alguns brinquedos com qualidade ainda inferior aos comprados pela caixa escolar.

As crianças brincam livremente nesse espaço. É realizada uma roda inicial para se estabelecer os combinados da atividade e ao término das brincadeiras as crianças ajudam a organizar o lugar. No período observado o espaço alternativo estava interditado para uma reorganização liderada por três professoras da escola (uma delas é a professora Mércia), a idéia foi revitalizar a pintura e os cantinhos das brincadeiras.

A observação aconteceu no dia 13/08, após sua reorganização. Foi reinaugurada com um clima de fantasia. Uma professora vestiu-se de fada, apresentando o ambiente para todas as crianças do turno da manhã e envolvendo-as sobre a utilização e organização dos novos cantinhos.

No espaço alternativo também é evidente a questão de gênero. As meninas ficaram mais concentradas nos cantinhos enquanto os meninos ocupavam sempre a região central, empurrando carrinhos ou até mesmo correndo (mesmo sendo solicitados para não correrem nesse espaço).

Algumas preferências foram percebidas quando as duas turmas foram brincar no espaço alternativo, como registrado na tabela a seguir:

Quadro I - Apropriação que as crianças fizeram do espaço alternativo	
Cantinho	Como se apropriaram do espaço
Cozinha	Dominada pelas meninas, que concentraram a atividade no novo conjunto de pia, geladeira, armário e fogão.
Vendinha	Um menino foi vendedor/organizador por bastante tempo, depois uma menina

	ocupou essa função. Houve momentos em que esse cantinho ficou desocupado.
Leitura	Nenhuma criança optou por ler livros no dia observado. O tapete da leitura em alguns momentos foi utilizado para brincadeira dos meninos com carrinhos.
Salão de beleza	Meninas brincaram trabalhando nos cabelos umas das outras, passando pente, chapinha e secador de brinquedo.
Bonecas	Nenhuma criança brincou nesse cantinho, algumas meninas retiraram bonecas que foram levadas para a cozinha. Um menino retirou alguns bichinhos de pelúcia.
Casinha	Utilizada ora por meninos, ora por meninas que levaram leptops, telefones, bolsas, bonecas, embalagens do supermercado e cadeira para seu interior. Um menino pegou um caixote (que funciona como mesinha) do escritório e colocou ao lado da porta da casinha, retirou alguns bichinhos de pelúcia do cantinho das bonecas e colocou dentro da mesinha. A imaginação fluiu, pois a mesinha virou casinha de cachorro e as pelúcias, os cachorros.
Escritório	No primeiro momento foi muito procurado pelas crianças, que estavam empolgadas com os novos leptops, porém se decepcionaram quando perceberam que não havia pilhas. Em seguida as mesas do escritório foram ocupadas com embalagens da vendinha. Os telefones foram levados ao salão de beleza e os leptops para a cozinha, casinha e para o tapete de bonecas. Dois meninos foram para a mesinha de escrever (com alguns papéis, lápis e canetinhas) e as demais mesas do escritório também foram utilizadas para arrumar o cabelo. Começou com duas meninas mexendo no cabelo e foram chegando novas meninas, de forma que se parecia um verdadeiro salão de beleza.
Oficina	Os meninos pegaram as ferramentas da oficina e começaram a martelar, serrar, parafusar e furar as paredes do lugar. A furadeira também foi utilizada como arma na brincadeira de polícia e ladrão e o telefone sem fio como rádio HT.
Fantasia	Só há roupas de mulher atualmente no cantinho das fantasias e talvez por isso elas só foram procuradas por algumas meninas, que vestiram-se com vestidos, colocaram bolsas e sapatos adultos e circulavam pelos cantinhos, como se fizessem compras ou fossem mães.

Fonte: Levantamento realizado pela pesquisadora

Esse é um ambiente que favorece imensamente o faz de conta, as crianças se apropriam dos temas propostos nos cantinhos e exploram de maneira ativa esse espaço que contribui para a socialização e o desenvolvimento dos educandos. De acordo com Horn “é fundamental a criança ter um espaço povoado de objetos com os quais possa criar, imaginar, construir e, em especial, um espaço para brincar” (HORN, 2004 p. 19).

Foto 7: Espaço alternativo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## 2.11 A biblioteca

Às quartas-feiras as duas turmas têm horário na biblioteca. A visita aconteceu com a Professora Márcia. Como se trata de um espaço de histórias e as histórias têm a capacidade de nos desligar da realidade imediata, foi criado com as crianças um ambiente imaginário de fadas, bruxas, duendes e dragões, por isso era preciso falar baixo e ter muito cuidado com os livros. As crianças pegavam os livros nas prateleiras para manipulá-los e devolvia-os, trocavam de livros com os colegas e liam coletivamente, compartilhando suas observações com o outro e interagindo muito. Ao final da exploração pelas crianças a professora leu uma história para o grupo.

Foto 8: Biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## 2.12 A culinária

Quinta-feira é dia de culinária, atividade que funciona em uma cozinha adaptada e faz parte da rotina da escola desde 2007. Inicialmente funcionava com as professoras comprando os ingredientes necessários para elaborar as receitas e em 2010 a Prefeitura Municipal de Contagem disponibilizou verba para que a compra fosse feita com recursos da Caixa Escolar, porém esse ano a verba está suspensa e a escola está buscando meios de garantir sua permanência na rotina da instituição.

A proposta é que a cada quinze dias as turmas realizem receitas de forma que as professoras proporcionem a participação das crianças conforme suas possibilidades. É uma oportunidade de se observar transformações químicas e de se fazer relações matemáticas, explorar o letramento com os rótulos dos alimentos e as receitas como portadores de texto.

A culinária observada foi ministrada pela professora Mércia e a pesquisadora, que levaram as crianças para lavar as mãos no refeitório e em seguida foram para a cozinha após receberem as toucas. Ao sentarem-se o primeiro questionamento foi “a receita hoje vai ser o que”? As professoras mostraram os ingredientes (maisena, leite, açúcar, achocolatado em pó) e logo as crianças perceberam que era mingau de chocolate, pois os ingredientes fazem parte de suas vivências familiares. Foi explorada a receita verbalmente e o preparo foi iniciado. Ao colocar os ingredientes na panela fomos comparando e explorando as embalagens dos produtos e suas características (litro, quilograma, grama, rótulos- letras, números, desenhos, palavras, muito, pouco, quente e frio). O preparo foi servido após o almoço.

A culinária é uma atividade que permanece na rotina da escola pelo empenho e compromisso dos educadores que devem organizar o ambiente após seu uso, deixando o chão limpo e lavando todo o utensílio utilizado. Muitas vezes as crianças colaboram, cada uma lavando seu copo/prato/talher utilizado sob a orientação da professora. Além disso, algumas professoras se deparam com a dificuldade diante da pouca afinidade com preparo de receitas e muitas vezes os ingredientes ainda são arcados pelas próprias docentes. É feito esse esforço por se acreditar nessa proposta como uma atividade significativa para as crianças que a solicitam durante a semana, perguntando qual receita será preparada no dia de culinária.

Foto 9: Cozinha onde funciona a culinária



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

### 2.13 O vídeo

As crianças já sabem que sexta-feira é dia de vídeo. No decorrer da semana perguntaram se esse dia está chegando, “se é amanhã”, e se podem trazer um filme. Elas trazem os filmes e é feita uma votação para a escolha da história a ser assistida (quando as professoras não têm o objetivo de passar filmes relacionados às experiências escolares vivenciadas).

Essa atividade compõe a rotina da instituição com o objetivo de enriquecer discussões sobre os assuntos estudados ou simplesmente contemplar o lazer, a distração e a socialização entre as crianças. O filme pode ser assistido na própria sala de atividades para onde a televisão e o leitor de DVD são levados em uma estante móvel. Os móveis são reorganizados para a

tarefa ou no salão de festas, onde há uma televisão fixa e ora as crianças sentam-se nas cadeiras disponíveis, ora deitam no tapete de E.V.A.

Nesta observação, dois filmes foram assistidos no salão de festas, onde as crianças retiraram o calçado e deitaram-se no tapete. Durante a exibição dos filmes, apesar das crianças em geral já terem desenvolvido boa atenção e concentração para contemplar as histórias, percebia-se a movimentação delas, que se deslocavam no tapete, mudando de lugar indo de uma ponta a outra, para ficar próximo de certos colegas. Elas deitaram-se com barriga para cima, barriga para baixo, sentaram-se com as pernas esticadas ou cruzadas. Ao término do filme as crianças se calçaram, ajudaram a desmontar o tapete e a guardá-lo.

Foto 10: Espaço do salão de festas com televisão fixa



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## **2.14 A exploração de um espaço que não consta na organização da rotina da escola**

A leitura de histórias também pode acontecer em outros espaços e a pesquisadora, ao decidir onde contar uma história, aceitou a sugestão de um menino da turma de contá-la no salão de festas. Como duas turmas de três anos estavam lá, optou-se por um espaço na sua entrada (do lado de fora).

É um lugar com duas portas que dão para duas salas que não são utilizadas pela escola. Enquanto várias crianças ouviam e prestavam atenção na história, duas meninas da turma estavam envolvidas com a porta de madeira onde estavam encostadas. Tentaram abri-la,



olhavam por debaixo, mexiam na maçaneta e batiam na porta. Não estavam envolvidas com a história, pois aquele lugar em que elas nunca entraram tomou conta do imaginário das duas.

Foto 11: Espaço utilizado para leitura de histórias e rodas, que dá acesso às salas não utilizadas pela escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## 2.15 O almoço e a escovação dos dentes na escola

De acordo com Jaume (2004), estabelecer vínculos com a alimentação é fundamental para o desenvolvimento do ser humano, de forma que a primeira infância é a fase privilegiada para se instituir essa relação. A escola precisa considerar este momento numa perspectiva educativa. De acordo com esta autora, alimentar-se envolve necessidades biológicas e sociais, com destaque para a comunicação entre as crianças.

Às dez horas o almoço é oferecido diariamente para as crianças no refeitório. Em fila, elas lavam as mãos e pegam o prato na porta da cantina. As crianças da turma pesquisada foram incentivadas desde o ano anterior (quando eram da turma de quatro anos) a almoçarem na escola, convencendo-as de que mesmo que a boca não goste de certos alimentos, o corpo humano gosta (sangue, olhos, cabelos, etc). Atualmente, mesmo as crianças mais resistentes às vezes aceitam o alimento. As crianças observadas compartilham esse momento com a turma de quatro anos e duas turmas de dois anos.

As crianças têm a liberdade de escolher aonde irão se sentar para almoçar, o que desperta uma disputa entre lugares nas cadeiras do refeitório. Percebeu-se a necessidade de comunicação das crianças nesse momento, algumas guardavam lugar, segurando a cadeira ao

lado e não deixando qualquer colega se sentar. Houve a formação de grupos de meninos e de meninas para almoçarem.

Quando terminam de comer, se ainda há comida no prato (mesmo sendo incentivadas a comerem tudo ainda há aqueles que deixam comida) o restante é jogado na lixeira e o prato é colocado na bacia para ser recolhido. A sobremesa (fruta ou gelatina) é dada pelas professoras nos lugares e após a alimentação. Ao chamado da professora, todos se direcionam imediatamente para a sala de atividades e pegam as escovas, creme dental, copo e toalha para escovar os dentes. As professoras acompanham a escovação e orientam os discentes, constantemente, sobre não deixarem a torneira aberta. Quando encerrada, todos guardam seus pertences na mochila para irem ao parquinho.

## **2.16 O parquinho**

O parquinho acontece todos os dias no pátio da escola a partir das 10:30. É um espaço privilegiado para se proporcionar a livre locomoção das crianças. Segundo Jaume, “em nível corporal a criança dispõe de um ambiente amplo para a conquista progressiva de habilidades motoras e para deslocar-se livremente” (JAUME, 2004 p. 376). Existem à disposição das crianças brinquedos como escorregadores, pneus, corda e bola. No chão há uma amarelinha pintada e na parede há calotas pregadas como volante.

No parquinho o pátio se configura em outro ambiente, onde as crianças estão livres para brincarem e interagirem com os colegas. Elas se apropriaram desse espaço de várias maneiras, como nas atividades relatadas a seguir:

- Correr.
- Pega-pega.
- Escorregar.
- Brincar de cavalinho.
- Brincar de cachorrinho.
- Brincar de monstro.
- Brincar de amarelinha.
- Jogar bola na quadra.
- Dirigir as calotas pregadas na parede.
- Rolar pneus.
- Banho de sol deitados nos pneus.

- Pular corda.
- E outras, conforme a imaginação fluiu, como por exemplo, uma criança que rolava no chão explicou que estava brincando de rolar na água.

Interessante uma percepção do parquinho: um menino estava com seus brinquedos na sala de atividades e a pesquisadora solicitou que os guardasse na mochila. Um colega da turma orientou-o a pegá-los no horário do parquinho, pediu o consentimento da professora (que permitiu) e ainda explicou ao outro colega que “no parquinho pode tudo”.

Ficaram evidentes os grupos de amizade no parquinho, de meninos e de meninas que preferem brincar juntos e também aqueles que circulam, brincando com vários colegas ou sozinhos. Na época observada havia muitos papagaios no ar, alguns meninos ficavam atentos a eles, se movimentavam e gesticulavam como se fossem eles que os soltassem.

A quadra nesse momento é dominada pelos meninos que jogam futebol e a corda é procurada pelas meninas. Geralmente as crianças recorrem às professoras para solucionar os conflitos cotidianos, desde trombadas até pequenas agressões, que são resolvidos facilmente com a mediação das professoras ou com o estímulo e orientação para resolvê-los sozinhos. Quando o tempo se esgota é hora de guardar os pneus, a bola e a corda, beber água e se preparar para a saída.

As famílias entram para buscar as crianças pelo portão do pátio, passam pelo parquinho e pegam as crianças envolvidas na pesquisa na porta da sala de cinco anos, as demais crianças da escola são pegas pelo portão do refeitório, onde aguardam suas famílias.

Foto 12: Pátio onde ocorre o parquinho



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

### **2.17 Sobre o que se observou na escola**

A observação evidencia que a escola, apesar de funcionar em um prédio que foi adaptado, é privilegiada em espaços que muitas vezes se configuram em diversos ambientes de experiências e aprendizagens. Ela superou um desafio das escolas de Educação Infantil apontado por Jaume:

Hoje é comum encontrar nas escolas uma dicotomia entre espaços internos e espaços externos. Existe uma clara divisão entre a atividade pedagógica como exclusiva dos espaços internos (e eu ainda acrescentaria da sala de aula) e a atividade de diversão e dasafogo para os espaços externos, em uma atitude de considerar a sala de aula como lugar privilegiado de todas as atividades tidas como educativas ou de trabalho (JAUME, 2004 p. 375).

Outra constatação é que a rotina instituída contempla a interação entre as crianças, conforme relatado nesse trabalho, a turma observada trabalhou com a turma de quatro anos em alguns espaços externos à sala de atividades e teve oportunidades de interação com as demais crianças da escola no café da manhã, no almoço e durante a cantoria. Considera-se, ainda, que as professoras proporcionaram às crianças vivências nos vários espaços da escola, dos quais docentes e discentes se apropriaram, efetivando o horário proposto pela gestão da instituição, que é resultado de constantes reflexões entre toda sua equipe de educadores.

### CAPÍTULO 3 - UMA TENTATIVA DE EXERCITAR A ESCUTA: AS PERCEPÇÕES QUE AS CRIANÇAS TÊM DOS DIVERSOS ESPAÇOS DA ESCOLA

Este capítulo tem por objetivo descrever e analisar a intervenção realizada na escola, onde foi proporcionado às crianças de uma turma de cinco anos experiências em seus diversos espaços. A metodologia que guiou este trabalho foi a pesquisa participante, sendo o foco da intervenção os espaços explorados com as crianças que constam na rotina da instituição.

Gatti esclarece a função do método nas pesquisas em educação, segundo a autora:

Os métodos nascem do embate de ideias, perspectivas, teorias, com a prática. Eles não são somente um conjunto de passos que ditam um caminho. São também um conjunto de crenças, valores e atitudes. Há que se considerar o aspecto interiorizado do método, seu lato intersubjetivo, e, até em parte, personalizado pelas mediações do investigador. Ou seja, os métodos, para além da lógica, são vivências do próprio pesquisador com o que é pesquisado (GATTI, 2007 p. 54).

A prática docente com crianças pequenas põe diversos desafios cotidianos, sendo um deles a organização dos tempos e espaços escolares. Ter o ambiente bem planejado e organizado é fundamental para atender as especificidades da criança de zero a cinco anos. A organização espacial é um dos temas que merecem atenção dos educadores na Educação Infantil, uma vez que a criança necessita de ambientes desafiadores para estimular seu desenvolvimento.

Conforme o projeto inicial a pesquisa tem por objetivo geral analisar as interações que algumas crianças de cinco anos estabelecem com os diferentes tempos e espaços da instituição, que se desdobra em dois específicos: analisar como as crianças exploram os diferentes espaços escolares e verificar a percepção que as crianças têm da rotina e dos espaços da instituição. Estabeleceu-se a coleta de dados por meio da observação, registro em diário de campo, rodas de conversa, conversas individuais, fotografias, filmagens, gravações de áudio e vídeo bem como a construção de um gráfico sobre o espaço da escola preferido pelas crianças.

Para se obter a percepção coletiva da turma sobre os espaços optou-se pela roda de conversa. As crianças falaram, de maneira geral, sobre a escola e em seguida sobre cada espaço explorado. Também houve uma conversa individual com as crianças para se obter as percepções pessoais a respeito da rotina e dos espaços da escola. Por fim, foi feito um levantamento coletivo na roda de conversa sobre os espaços preferidos pelas crianças da sala e construímos um gráfico com essas informações. A partir do gráfico obteve-se um levantamento sobre os espaços da escola menos preferidos pelas crianças. Para Gatti (2007),

os dados são essenciais na produção de conhecimento advindos de pesquisas, a fim de colaborar para o melhor entendimento sobre o problema pesquisado.

As conversas foram gravadas e algumas experiências fotografadas ou filmadas. Os arquivos foram ouvidos e transcritos para embasar as análises da pesquisadora que também são subsidiadas pela observação participante. De acordo com Expeleta, “a observação participante possibilita formas de interação entre o pesquisador e os sujeitos, permitindo uma abordagem pessoal e abrindo fontes de informação que nenhuma outra técnica tornaria possível” (EXPELETA, 1989 p.83).

A autora questiona o significado da participação neste tipo de pesquisa e esclarece que: “colocam-se duas possíveis respostas. Num caso, trata-se de destacar a participação de pessoas nas diferentes etapas da pesquisa. Noutro, trata-se de destacar a participação da pesquisa num projeto popular” (EXPELETA, 1989 p.82).

A roda de conversa foi um dos recursos para coleta de dados. De acordo com Ângelo (2011), ela pode ser utilizada em situações diversas, destacando-se sua aplicação como uma atividade planejada na ação docente, como parte do processo educativo ou pode surgir de uma demanda do grupo, como em situações de conflito que necessitam de soluções coletivas. O autor ressalta que a roda de conversa possibilita às crianças práticas de vivências democráticas, e também alerta para o cuidado necessário para que as discussões não sejam tendenciadas pelo educador que a direciona. Nesse aspecto considera que:

a roda de conversa se torna uma atividade *desafiante* para o adulto que proporciona sua dinamização. Desafiante, porque exige que ele, tendo um papel de participante igual ao das crianças, tenha também o papel de coordenador da conversa, sem, no entanto, impor suas ideias ao grupo, castrar a altivez das crianças (como defende Paulo Freire), tolher sua forma de organizar e apresentar ideias. A própria disposição física dos participantes da atividade (incluindo aí o adulto) – geralmente sentados em círculo – representa de forma tangível o sinal de pertença democrática ao grupo (ANGELO, 2011 p. 62).

A roda de conversa é valiosa para se ouvir as crianças obtendo-se dados do grupo como um todo e também contribui para o desenvolvimento infantil na medida em que é “um recurso pedagógico que vai proporcionando o uso da palavra, que não é apenas som... é também pensamento, concepção de mundo, ação, posicionamento diante da realidade” (ANGELO, 2011 p. 63). Na mesma perspectiva Ryckebusch destaca a promoção do diálogo nessa atividade onde as crianças devem ser consideradas como seres que se apropriam ativamente da linguagem, para não correr o risco de se tornar uma:

situação bastante corriqueira das crianças apresentando seus pontos de vista, num quase monólogo para a professora, em que a presença do outro na constituição do contexto de enunciação fica fragilizada. Nesse sentido, os enunciados são entendidos

como produções desconectadas do universo de valores e cultura que os identificam enquanto sujeitos da linguagem (RYCKEBUSCH, 2011 p. 41).

Percebeu-se que as crianças mais desinibidas e dinâmicas se expressam com facilidade. Contudo, é preciso considerar que as falas na roda podem ser influenciadas pela opinião do outro, já que é um momento de participação coletiva. Além disso, gera disputa pelo espaço da fala e até a dispersão de alguns, pois se trata de crianças que ainda estão desenvolvendo a capacidade de concentração. Pensando nessas limitações da roda de conversa, também se optou pela conversa individual, a fim de garantir que todas as crianças da sala sejam ouvidas na pesquisa.

A proposta do curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da efetivação de uma pesquisa monográfica composta de uma intervenção na prática pedagógica vai ao encontro das ideias de Alves – Mazzotti (2003), que problematiza o paradoxo existente nas pesquisas em educação, onde se tem uma produção acadêmica que apesar de ter expandido nos últimos anos não tem contribuído eficazmente para a redução das desigualdades na educação do país. A autora evidencia a necessidade de se problematizar a prática cotidiana sem deixar de se teorizar sobre ela. A relevância de se fazer relações entre a prática e a produção científica é que esse exercício favorece a produção de novos conhecimentos. Neste aspecto, afirma:

o que é importante ressaltar é que, se o pesquisador permanece restrito à sua própria prática, sem uma tentativa de teorização que permita estender suas reflexões a outros contextos, pouco ou nada contribui para a construção de conhecimentos relevantes (ALVES - MAZZOTTI, 2003 p. 34).

E ainda acrescenta que as pesquisas baseadas nos problemas cotidianos quando bem fundamentadas teoricamente podem estar a serviço da prática pedagógica: “Se insisto na importância da teorização é porque esta favorece a transferibilidade e a acumulação do conhecimento, o que lhe confere maior credibilidade, aumentando assim, a probabilidade de que seja incorporado às práticas” (ALVES - MAZZOTTI, 2003 p. 45).

Na intervenção a pesquisadora e as crianças vivenciaram a rotina da escola, ou seja, frequentaram todos os espaços definidos na organização coletiva, onde foram criadas oportunidades para a coleta dos dados da pesquisa, abordados a seguir.

### **3.1 - A roda de conversa sobre a escola de maneira geral**

A sondagem inicial sobre as ideias que as crianças têm da escola foi obtida por meio de uma roda de conversa onde, aproveitando o ensejo de duas crianças novatas, a pesquisadora instigou as demais a explicar como é a escola para os novos colegas.

A primeira participação foi de uma menina que falou sobre o espaço alternativo, explicando que lá tem muitos brinquedos. Outra menina lembrou-se das regras, as crianças não podem destruí-los.

O segundo espaço citado por outra menina foi o parquinho, descrito assim: “lá tem escorregador pra gente brincar e corda pra gente pular”. Enquanto isso um menino falava ao fundo, em uma participação secundária naquele momento: “tem pirata”. A menina que detinha a fala continuou: “tem carrinho” (que foram doados recentemente para a escola), “tem amigos”. E mais uma vez fez referência às regras, pois acrescentou que se deve ser bonzinho com os amigos. Durante essa roda a pesquisadora não percebeu a participação do menino que falava do pirata e só foi se atentar a essa fala ao ouvir a gravação. Alguns dias depois, conversando com os meninos durante o parquinho para saber sobre o pirata um menino explicou que eles brincam de pirata no escorregador (que tem uma plataforma com um leme), “tem que dirigir o barco e fazer o que o capitão está mandando”.

A terceira menina a participar falou que “tem salinha”, quando questionada sobre o que a gente faz na sala um menino passou a frente e respondeu: “estudar”. Ela concordou e falou também: “a gente brinca”. Outras crianças participaram, falando que é onde se faz as atividades, colore, lê histórias, explica as tarefas de casa, onde fica os cadernos, o calendário, os brinquedos de montar.

Um menino pede para falar e diz que “a escola tem culinária, fazemos comida, bolo, pipoca”. Quando a professora instiga o que tem mais na escola ele fala sobre jogar futebol. Enquanto isso outra criança fala que “tem almoço, tem que lavar as mãos antes de almoçar, tem escovação dos dentes”. Uma menina fala das regras do almoço: “tem que almoçar caladinho e mastigar de boca fechada”. Um menino explica que “depois de escovar os dentes vamos para o parquinho”.

Outro menino resume: “nós estudamos, lavamos as mãos, pegamos o prato, sentamos à mesa, comemos de boca fechada e depois de todo mundo almoçar escovamos os dentes e vamos ao parquinho”. A professora problematizou sobre a rotina, se a primeira coisa a fazer quando se chega à escola é estudar. Uma criança fala: “brincar”. O questionamento continua, se essa é a primeira atividade do dia. E uma criança chega à conclusão que a primeira coisa a ser feita na escola é tomar café da manhã.



A conversa prossegue, um menino fala que “de vez em quando assistimos filme”. A professora insiste para as crianças se lembrarem de mais coisas que se faz na escola e após algumas participações que repetiam sobre os espaços já citados volta-se a falar sobre o filme que é assistido lá em cima (salão de festas) e também na sala. Uma criança lembra que “tem bebês na escola” (crianças de dois anos). A professora lembrou tudo que eles já falaram e insiste que estão se esquecendo de algumas coisas, até que uma menina fala sobre a cantoria, que segundo ela, “acontece ali fora, no terreiro”, até que outros falaram “no parquinho”. Logo em seguida, fizemos um passeio pela escola para reconhecimento de todos os espaços do prédio.

A roda de conversa com toda a turma evidenciou a preferência das crianças pelo espaço alternativo e pelo parquinho, primeiros espaços lembrados. Elas relataram com precisão sobre as formas de utilização da maioria dos espaços, deixando de falar sobre a biblioteca nesta roda. Percebeu-se dificuldade para reconhecerem a versatilidade de alguns espaços, principalmente do pátio, que funciona como parquinho, corpo e movimento e cantoria. As crianças reconhecem esse espaço de maneira genérica, como parquinho. Neste aspecto, os esclarecimentos de Horn contribuem para a caracterização de alguns espaços da escola como o parquinho, salão de festas, refeitório e sala de atividades em ambientes diversos. A autora esclarece a diferença entre espaço e ambiente, e ainda traz contribuições de Zabalza e Fornero nessa diferenciação, esclarecendo que mesmo assim são conceitos intimamente ligados:

O termo “espaço” se refere aos locais onde as atividades são realizadas, caracterizados por objetos, móveis, materiais didáticos, decoração. O termo “ambiente” diz respeito ao conjunto desse espaço físico e as relações que nele se estabelecem, as quais envolvem os afetos e as relações interpessoais do processo, os adultos e as crianças; ou seja, em relação ao espaço, temos as coisas postas em termos mais objetivos; em relação ao ambiente, as mais subjetivas (HORN, 2004 p.35).

Quando problematizadas pela rotina da escola as crianças tiveram dificuldade em reconhecer o café da manhã como primeira atividade do dia, chegaram a essa conclusão com ajuda dos questionamentos da pesquisadora. Demonstraram ter boa compreensão da rotina após as dez horas da manhã, onde as atividades se repetem diariamente (almoço, escovação dos dentes, parquinho e saída). Quanto aos outros momentos necessitaram da mediação da pesquisadora para organizarem o pensamento sobre as vivências na escola, uma vez que a cada dia da semana estão submetidos a experiências em espaços diversos.

As contribuições de Barbosa sobre rotina e cotidiano são esclarecedoras quanto a essa constatação. Segundo Barbosa, a rotina pode ser assim conceituada: “Rotina é uma categoria

pedagógica que os responsáveis pela educação infantil estruturam para, a partir dela, desenvolver o trabalho cotidiano nas instituições de educação infantil” (BARBOSA, 2006 p.35).

A escola organizou a sua rotina com base no número de crianças atendidas e os espaços disponíveis. Assim, estes dois fatores (espaço disponível e demanda de crianças) determinaram seu cotidiano. Segundo Barbosa (2006 p.37) “a rotina é apenas um dos elementos que integram o cotidiano”. A autora conceitua cotidiano por:

Em contraposição à rotina, o cotidiano é muito mais abrangente e refere-se a um espaço-tempo fundamental para a vida humana, pois tanto é nele que acontecem as atividades repetitivas, rotineiras, triviais, como também ele é o lócus onde há a possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação (...) (BARBOSA, 2006 p. 37).

A criança que compreendeu a rotina da escola terá mais segurança e familiaridade no ambiente educativo escolar. Desta maneira, rotina e espaço são termos distintos com estrita ligação no que tange à organização do trabalho docente com crianças pequenas. Uma criança que compreendeu a rotina irá transitar com segurança pelos diversos espaços da escola e irá, de certa maneira, ter domínio e entendimento sobre o espaço e o tempo em que se encontra na instituição de Educação Infantil.

### **3.2 – A atividade de corpo e movimento**

Antes de levar as crianças para o pátio onde se desenvolveria as atividades de corpo e movimento a pesquisadora realizou uma roda de conversa na sala de atividades. Sondou se as crianças reconheciam a segunda-feira como dia de realizar essa atividade, o que não foi confirmado, pois começaram a falar de outras atividades da escola. Quando citaram que é dia de cantoria foi dada a dica pela professora: - termina a cantoria e nós ficamos lá fora. Uma criança prosseguiu: “fazemos o caminho da formiguinha”. A professora problematizou: e depois? “Brincamos na quadra” - disse uma menina. Foram questionados se brincam sozinhos ou com a professora, e concluíram que brincam com a professora.

Percebeu-se inicialmente que as crianças confundiram o momento do corpo e movimento com o momento do parquinho, pois falaram de algumas situações que ocorrem no parquinho. Essa confusão se justifica pelo fato de ambas as atividades ocorrerem no pátio, e as crianças têm dificuldade em perceber o uso do espaço do pátio em vários ambientes.

A partir daí as crianças começaram a fazer mais relações e lembraram que brincam com a turma de quatro anos. A professora precisou sustentar a conversa por mais de nove minutos para começarem a falar das atividades/brincadeiras que já foram realizadas: morto vivo, correr, amarelinho-amarelão, corrida-do-sapo, bola, batata quente, batatinha frita, corre-cutia entre outras.

Questionadas sobre o que acham da atividade de brincar com as professoras na quadra e no parquinho falaram que é legal, é bom. A professora insistiu para explicarem melhor o porquê de ser legal, quando surgiu uma consideração importante de uma menina: “porque lá é maior e dá pra gente brincar e aqui na sala é só um pouquinho pra gente brincar”. Essa afirmação trouxe uma perspectiva espacial, a menina vivencia e percebe que as brincadeiras no pátio e na quadra são boas com base no espaço, pois se trata de um lugar amplo para desenvolvimento dessas atividades.

Após realizar as brincadeiras do dia as crianças consideraram que todas as brincadeiras foram legais, adoraram. Um menino trouxe novamente a noção espacial, falando que “brincar lá fora é melhor, o pátio é maior e cabe todo mundo” (as duas turmas).

Essa roda de conversa evidenciou certa confusão para as crianças em reconhecerem o espaço do pátio como um ambiente diverso do parquinho e também evidenciou a preferência delas por brincar em lugares amplos e espaçosos. Outro fator a ser considerado é a importância desse espaço na rotina escolar para se realizar brincadeiras folclóricas com as crianças, pois percebemos que muitas aprendem essas brincadeiras na escola com as professoras e pedem, com frequência, a repetição.

### **3.3 – O espaço alternativo**

Para iniciarmos as atividades no espaço alternativo foi feita uma roda. As crianças foram unânimes ao dizer que gostam de brincar nesse espaço porque tem muito brinquedo. Segundo uma menina: “na salinha a gente brinca só um pouquinho e no espaço alternativo a gente brinca muito”. Essa participação evidenciou outra justificativa para o gosto de brincar nesse espaço, a perspectiva temporal. Esse não é o único lugar da escola que tem brinquedos, mas é onde há mais tempo para brincar. As crianças explicaram sobre o que mais gostam nesse espaço:

- Brincar na lojinha
- Brincar na cozinha

- Ler livros
- Brincar no escritório
- Brincar na casinha
- Brincar na oficina

Nota-se que apenas alguns dos cantinhos desse espaço foram contemplados nessa lista do que mais gostam, deixando de ser citados os cantinhos das bonecas, dos carrinhos, do salão de beleza e das fantasias. Esse espaço evidencia a relevância que a escola dá ao brincar na Educação Infantil e as crianças confirmam sua importância, ao encerrar esta atividade duas crianças relataram que “foi legal brincar no espaço alternativo, porque é bom brincar” e “porque é importante brincar”.

### **3.4 – O salão de festas**

Na roda no salão de festas algumas crianças fizeram confusão sobre o nome desse espaço com salão de beleza, o que foi corrigido pelos demais colegas. A pesquisadora iniciou a roda com a pergunta sobre o que se faz nesse local, e as respostas imediatas foram: “fazemos festa, apresentamos para os pais, ensaiamos”. As participações seguintes relataram que “assistimos filmes, fazemos a cantoria e brincamos quando está chovendo”. Um menino diz que “também se faz oração”, explicou que ele e a mãe frequentam a fraternidade espírita no domingo e eles oram lá.

Em seguida as crianças exploraram o lugar como quiseram e a pesquisadora observou que as meninas ficaram mais concentradas em determinados espaços e os meninos corriam por todo o local, todos optaram por ficar descalços. As atividades livres das crianças exploravam o movimento como correr, arrastar, engatinhar, dar estrela, dançar. Cadeiras de rodinhas tornaram-se carrinhos onde alguns meninos se debruçaram e corriam pelo salão. Contudo, nem todas as crianças exploraram o lugar em uma perspectiva lúdica, de brincadeira ou faz de conta. Uma menina começou a organizar as várias cadeiras disponíveis no auditório, outra se sentou em uma cadeira onde ficou por toda a atividade livre observando os colegas, pois ficou chateada por uma menina ter molhado sua blusa ao lavar a mão no banheiro.

Quando as crianças relataram na roda suas brincadeiras, explicaram que brincaram de roda, pega-pega, correr, cantar, dançar, rodar, nadar e velocidade (com a cadeira). Em seguida a professora propôs um circuito aproveitando alguns movimentos observados na atividade livre, como nadar, rolar, engatinhar entre as cadeiras e dirigir (as cadeiras de rodinha). Um

menino com excesso de peso teve dificuldade para realizar a tarefa de nadar, chorou por não conseguir, o que despertou a solidariedade de colegas que tentaram acalmá-lo. A professora também se sensibilizou e o incentivou dando suporte para concluir a tarefa.

Ao fim da atividade formaram-se, espontaneamente, dois grupos, um de meninos que se calçaram no auditório e o de meninas que o fizeram nas cadeiras. Ao se calçarem algumas meninas começaram a falar que queriam permanecer ali. Como tinham que almoçar, sugeriram voltar de novo. As crianças declararam que a atividade foi legal, adoraram, gostaram muito, foi divertida. Uma menina falou que “a brincadeira que você (a professora) inventou foi muito boa”, porém a brincadeira foi uma apropriação da pesquisadora de uma criação das próprias crianças.

Essa foi uma experiência significativa para as crianças e para a pesquisadora, pois brincaram com um evidente prazer, com expressões de alegria e sensação de bem estar, o que foi reafirmado em considerações na roda final, onde as crianças expressaram claramente vontade de continuar ali. É relevante notar que quando a experiência é significativa para a criança os obstáculos encontrados são superados, e mesmo as crianças que não se lançaram na exploração lúdica (duas meninas preferiram se ocupar de outras formas) participaram explorando o espaço às suas maneiras.

### **3.5 – A biblioteca**

A roda de conversa na biblioteca buscou dialogar sobre seu uso, que foi facilmente reconhecido como um lugar para leitura, que tem fadinhas, bruxinhas e como uma atividade legal. Também é legal na perspectiva das crianças por ter livros com desenhos e letras. As crianças exploraram a biblioteca realizando a interpretação das imagens dos livros. Elas pegaram alguns livros rasgados e separaram para o reparo e durante a leitura buscavam interação com a professora e demais colegas. As crianças se empenham na atividade e começam a se apropriar do espaço de diversas maneiras. Observaram-se crianças lendo deitadas e sentadas no tapete e também outras formas de interação com o espaço, onde se sentavam no tapete e utilizavam um pequeno banquinho de madeira como mesa. Um menino estava usando dois banquinhos, um para se sentar e outro para apoiar as pernas, o que causou disputa entre as crianças que desejavam um banquinho para servir de mesa. Em um momento de distração, ele perdeu um dos banquinhos quando se levantou (uma menina pegou) e ficou

chateado, sentando-se no chão, emburrado. Alguns colegas tentaram trazê-lo de volta para a atividade.

Algumas meninas fizeram uma reorganização do espaço durante a leitura, pegaram seus banquinhos e os organizaram enfileirados, havia uma menina de cada lado da fileira de banquinhos. A pesquisadora quis entender essa organização e elas explicaram que era uma lojinha de livros, uma era a vendedora e outra a cliente.

A mesma criança que organizou as cadeiras do salão de festas começou a organizar alguns livros na estante após ter feito algumas leituras. Ao final da atividade as crianças organizaram o lugar e começaram a brincar com fantoches.

A intervenção na biblioteca revelou como as crianças são criativas ao interagirem ativamente com esse espaço, seja no tapete ou nos banquinhos, elas procuram o tempo todo uma posição mais confortável e agradável, indicando a leitura como um momento de prazer. Também evidenciou o caráter lúdico da exploração dos espaços pelas crianças, a organização de uma loja de livros resignificou a leitura com o faz de conta, sem perder o foco da atividade proposta, imaginaram e criaram uma livraria dentro de uma biblioteca.

### **3.6 A culinária**

A roda de conversa sobre a culinária aconteceu ainda na sala de atividades, onde a pesquisadora anunciou que se realizaria o preparo de uma receita e questionou sobre o lugar que esta tarefa aconteceria. As crianças prontamente responderam na cozinha, na culinária, e passou-se a dialogar sobre esse espaço e a atividade em geral. Relataram sobre os objetos que existem na cozinha como vasilhas e ingredientes.

Explicaram que “é onde se faz coisas para comer”, que acham legal ajudar no preparo e logo veio o questionamento por parte das crianças: “hoje a gente vai fazer o quê para comer?” Tratava-se de uma receita que já foi feita várias vezes com a turma (palha italiana). Um menino se lembrou dos ingredientes necessários e sobre alguns detalhes do preparo, e que levaram pra casa no copinho. Uma criança falou que já fez essa receita em casa, são participações que revelam a capacidade dessa atividade em aproximar família e escola.

Para efetivar essa tarefa as crianças colocam as toucas e lavaram as mãos no refeitório, e já na culinária, ao iniciar o preparo, deram suas contribuições: quebraram o próprio biscoito, cada uma no seu prato, depois misturaram com a colher o brigadeiro feito pelas professoras e degustaram em seguida. As crianças declararam que acharam bom, gostoso e queriam mais.

A receita preparada favoreceu a participação ativa das crianças que colaboraram no preparo de seu próprio alimento, tarefa que contribui significativamente para a afirmação da autoestima e da autoconfiança ao se sentirem capazes de colaborar e produzir. Todas ajudaram e comeram com evidente satisfação.

### **3.7 O filme**

A roda de conversa sobre o filme também aconteceu na sala de atividades e as crianças facilmente reconheceram a sexta-feira como o dia de levar brinquedo de casa e de assistir filme na escola. Foram unânimes ao considerarem esta atividade legal. Uma menina esclareceu que se assiste aos filmes na sala de aula ou no salão de festas. A professora perguntou como fica a sala e ela explicou que “se encostam as mesas, mudam as cadeiras de lugar e traz a televisão”. Também questionou como fica o salão de festas no dia de vídeo, ela explicou que “lá é só colocar o tapete no chão”. A pesquisadora problematizou como as crianças ficam no tapete, e prontamente responderam que “deitadas” e sobre quando não se coloca o tapete, responderam que “ficam sentadas nas cadeiras do salão”.

As crianças explicaram que no salão de festa é melhor assistir filme no tapete, porque “pode deitar ou sentar e na cadeira é só sentado”. A turma considera ser melhor assistir filme no salão de festas do que na sala de atividades.

As crianças demonstraram compreensão da dinâmica da atividade, tendo noção temporal de qual dia da semana ocorre e também apresentaram noção espacial, pois distinguiram, com clareza, os lugares e a reorganização dos espaços em que pode acontecer.

Um indício para a compreensão temporal do filme na rotina da escola é a aproximação que a atividade proporciona com suas casas. Elas gostam de levar filmes para serem colocados em votação para serem assistidos. Portanto, precisam saber o dia certo de levar o DVD.

### **3.8 A construção do gráfico**

Assim que a professora afixou o cartaz na parede as crianças começaram a interagir umas com as outras indicando e falando o nome de cada espaço da escola. A professora promoveu a leitura coletiva do gráfico e instigou as crianças a falarem sobre o que se faz em

cada espaço das fotos. O próximo passo foi explicar como elas marcariam no gráfico o espaço preferido, que mais gostam, com a ficha preta.

As crianças procederam à marcação e percebia-se uma tentativa de convencimento do colega a marcar no mesmo espaço. A professora explicava que cada um deveria marcar onde mais gostasse e não onde o colega quisesse. Após a participação de todos, fizemos uma interpretação coletiva dos dados obtidos.

Foto 13: Gráfico Espaço da escola preferido pelas crianças da turma de cinco anos



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

As crianças não tiveram dificuldade para perceber os espaços preferidos (quadra e espaço alternativo) e com um pouco de mediação da professora perceberam que esses dois espaços ficaram empatados com quatro pontos cada. A dificuldade maior foi para perceber o espaço menos preferido, pois consideraram inicialmente como tal a culinária, o salão de festas e a biblioteca, empatados com um ponto cada. Foi preciso a mediação da professora para concluírem que os espaços com nenhum ponto é que se enquadram como sendo os menos preferidos (sala de atividades e refeitório).

A maior contribuição do gráfico foi para dar indicio do espaço menos preferido pelas crianças, pois nas rodas de conversa isso não ficou claro e, além disso, nas entrevistas individuais que serão abordadas a seguir todas as crianças afirmaram que gostam de tudo na escola.

Percebe-se que a indicação da sala de atividades e do refeitório foram citados como espaços menos preferidos porque, em uma escola com grande diversidade de espaços e ambientes, a sala de atividades é um lugar comum, rotineiro e as crianças, espertas como são,



preferem as atividades externas à sala de aula, até mesmo por suas necessidades lúdicas e de movimento. Quanto ao refeitório, este também é um lugar rotineiro e de alimentação por excelência, sendo assim, justifica as crianças não identificarem como um lugar de exploração e experiências diversificadas.

### **3.9 As conversas individuais**

A pesquisadora convidou as crianças da turma pesquisada para uma conversa individual sobre a escola e elas corresponderam positivamente à proposta, falando sobre o dia a dia na escola em um diálogo que durou cerca de quinze minutos. A boa aceitação das crianças de cinco anos em participarem individualmente repercutiu na turma de quatro anos, onde outras crianças que perceberam a movimentação também desejaram ser ouvidas.

Os questionamentos foram feitos de acordo com o desenvolver do diálogo, sempre buscando elementos que dessem indício do entendimento que a criança tem dos espaços e da rotina da instituição. Assim, alguns pontos foram comuns entre as crianças e outros surgiram conforme a conversa com cada um.

Foi realizado um levantamento geral pela pesquisadora dos pontos mais recorrentes nas conversas, destacando-se as considerações mais esclarecedoras do ponto de vista infantil acerca da escola.

Como já relatado neste trabalho, o prédio é um local que funciona como escola há mais de vinte anos e, por isso, muitas pessoas da comunidade o chamam de creche até hoje, denominação comum na época em que era uma escola comunitária. Constatou-se que 9 crianças da turma sabem o nome completo da escola, as 5 restantes designam de forma genérica, como creche, o que pode ter relação com esse contexto histórico.

Buscou-se captar das crianças o que tem de mais interessante na escola. As respostas foram múltiplas. Citavam mais de um elemento como muitos brinquedos, espaço alternativo, parquinho, brincar, fazer coisas de comer, ler livros, biblioteca, atividades, estudar, jogar bola no parquinho.

Nove crianças reconhecem o desjejum como primeira tarefa do dia, as restantes tiveram dificuldade para elencar esse momento como educativo. A maioria das crianças distingue o uso da sala de atividades como espaço de realização de tarefas de registro como escrita, desenhos, etc. e como um lugar de brincadeiras. Também citaram os dois tipos de brinquedos presentes na sala: os brinquedos estruturados da caixa (panelinhas, geladeira,

fogãozinho, bonecas, carrinhos, homenzinhos, bichinhos de fazenda, laptop) e os de montar ou encaixar, sendo que preferem os brinquedos estruturados.

As crianças precisaram da intervenção da professora para falar das atividades de corpo e movimento demonstrando, mais uma vez, que não fica claro para elas a diferença entre o pátio e o parquinho. Citaram algumas brincadeiras que fazem no pátio e que brincam de bola na quadra. Percebem que nesse momento as brincadeiras são direcionadas pelas professoras, ao contrário do parquinho, onde as brincadeiras são livres.

Sobre o espaço alternativo, gostam mais da cozinha, do supermercado, da casinha, dos carrinhos e laptops. Uma criança afirmou que “lá tem tudo que eu gosto”, outra citou a revitalização desse espaço, disse que “ficou melhor, antes estava tudo estragado e agora está tudo novo”.

Buscou-se fazer as crianças pensarem sobre onde há livros na escola. É claro para todas que tem livros na sala de atividades e na biblioteca, sendo que apenas cinco crianças citaram o cantinho da leitura do espaço alternativo. A maioria prefere ler na biblioteca e já compreendeu o silêncio como uma das especificidades desse lugar, justificando que lá é melhor para ler porque é silencioso, indícios de que as crianças estão se formando como leitoras. Outro aspecto falado é porque lá tem muitos livros. Porém, uma das duas crianças que disse ser melhor ler na sala de atividades explicou que “é porque nem precisa sair”.

A cantoria foi citada por todas as crianças como uma atividade boa onde se aprende músicas e também que é legal porque tem muita criança para cantar e orar.

A culinária foi facilmente percebida como o lugar onde se fazem coisas de comer, e lembrou-se de algumas receitas como bolo, pipoca, sanduíche, suco, docinho e pizza de biscoito. Uma menina que não tem o hábito de se alimentar na escola, nem durante essa atividade, disse que gosta de ir à culinária, mas não gosta de comer os preparos.

O salão de festas foi chamado por algumas crianças de salão de beleza, e foi facilmente reconhecido como um lugar onde assistimos filmes. Foi citado como um lugar onde fazemos festas e apresentações para as famílias. As crianças sabem que a sala de atividades também é um espaço para assistir filmes, porém preferem assistir no salão de festas porque tem mais espaço e o tapete para deitarem, opinião que traz à tona a liberdade proporcionada ao deitarem-se no tapete em relação ao controle dos corpos sentados nas cadeiras.

Todas as crianças conseguem descrever o momento da escovação de dentes na escola. Algumas relataram suas percepções sobre as limitações desse espaço, considerando que, na opinião delas, algumas pessoas fazem bagunça, molhando a própria escova e espirrando água

no rosto do colega com ela; alguns colegas apertam a torneira e molham a todos. Essas considerações ressaltam a questão comportamental dos educandos, mas também foram feitas considerações sobre a questão espacial e temporal, como a criança que citou que demora em escovar seu dente porque a pia fica cheia de pessoas e “quem já está na pia não sai”, bem como a menina que citou que “só tem duas pias em cada banheiro”.

A conversa individual indicou que o que mais gostam de fazer no parquinho é dirigir o carrinho vermelho (adquirido recentemente por meio de doação). Também relataram gostar de correr, brincar de princesas, pular corda e jogar bola na quadra. Houve uma consideração sobre o parquinho que remeteu ao espaço, uma criança disse que ele “é bom de brincar porque tem um espaço maior”.

Uma menina fez referência à lavanderia, um lugar que as crianças não exploram em atividades durante a rotina, mas têm contato para organizar os brinquedos do parquinho que são guardados lá. Ainda explicou que as “meninas” que limpam as mesas lavam roupa ali.

Algumas crianças não sabiam o nome correto de alguns lugares da escola ou se esqueciam deles e utilizavam estratégias descritivas para indicar esses locais, como por exemplo:

- Ao falar sobre onde realizam brincadeiras com as professoras (atividades de corpo e movimento) diziam: “ali fora, no parquinho”.
- Ao citar o espaço alternativo diziam: “lá em baixo, onde tem brinquedos”.
- Quando iam citar a biblioteca falavam: “lá em cima, perto do negócio de festa”. Também foi chamada de livraria.
- Ao explicarem onde ocorre a cantoria diziam: “ali fora, perto da minha salinha, pertinho da nossa sala, no parquinho”.
- Cinco pessoas tiveram dificuldade para dizer o nome do refeitório, diziam que é “o lugar onde se faz o lanche, onde almoça”.
- A culinária foi citada como onde “nós fazemos negócio que coloca a touquinha e fica sentado”.

Quando questionadas sobre o que é ruim ou chato na escola obteve-se um retorno positivo, disseram que gostam de tudo, os poucos relatos do que não gostam estão mais na perspectiva relacional do que no que se refere à organização espacial ou temporal da escola, como por exemplo, “brigar” ou “bater nos amigos” e “quando a professora não deixa a gente sair da sala”.

A busca por ouvir as crianças de forma dialógica nas rodas de conversa e individualmente evidenciou que os educandos exploram ativamente os diversos espaços da escola. Os relatos mostraram satisfação com o espaço escolar e ainda entendimento sobre sua rotina, onde a maioria falou com autonomia sobre o dia a dia (principalmente as que estão na escola desde o ano passado) e alguns o fizeram com a mediação da pesquisadora (o que foi mais comum entre os que chegaram à turma este ano).

Apropriando-se do que afirmou Cruz “Houve bastante coerência nas falas das crianças, em relação aos vários temas tratados, evidenciando a competência delas para opinar sobre diferentes aspectos de sua realidade” (CRUZ, 2008 p. 303).

A escuta também contribuiu nas considerações de Rocha, mais do que para o trabalho docente e para a produção acadêmica, alcançando dimensões relacionais e comunicativas:

“ouvi-las” interessa ao pesquisador e ao educador como forma de conhecer e ampliar sua compreensão sobre as culturas infantis – não só como fonte de orientação para a ação, mas sobretudo como forma de estabelecer uma permanente relação comunicativa – de diálogo intercultural – no sentido de uma relação que se dá entre sujeitos que ocupam diferentes lugares sociais (ROCHA, 2008 p. 47).

Considera-se que os objetivos do projeto de intervenção foram atingidos e somam-se algumas conclusões que Francisco e Rocha fazem sobre o parque em uma instituição de Educação Infantil que também se aplicam a alguns ambientes da escola, de forma que também se configuram como “um espaço de disputa, de transgressão, de resistência, de criação, de conformação, espaço de cultura, de poder e principalmente como espaço da brincadeira” (FRANCISCO E ROCHA, 2008 p. 310). Durante a intervenção percebeu-se conflitos relacionados à convivência em grupo e, acima de tudo, destacou-se a importância do brincar para as crianças, que ao interagirem com os diversos ambientes, exploraram o potencial criativo e a ludicidade infantil, de forma que ao brincarem, interagem com a cultura, recriando-a.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O desenvolvimento desta pesquisa/intervenção possibilitou a elaboração de algumas considerações que contribuem para um maior entendimento da Educação Infantil como um todo e mais especificamente das práticas educativas realizadas na escola, destacando a percepção das crianças em relação aos seus tempos e espaços.

Com relação à revisão de literatura, foi verificada grande produção acerca do tema, onde muitos estudos evidenciaram escolas ofertando a Educação Infantil em prédios inapropriados, fato que dialoga com o passado, pois historicamente, o poder público aproveitou prédios existentes para funcionarem como escolas improvisadas, sem um projeto arquitetônico que contemplasse às especificidades dos educandos. Além disso, abordam que a limitação espacial compromete a qualidade do ensino ao submeterem as crianças, em muitos casos, apenas à sala de aula, sem ambientes externos que promovam o brincar e a locomoção necessária nesta faixa etária. Destacam, também, que o espaço escolar tem potencial educativo. Portanto, sua organização demanda planejamento, empenho dos educadores e envolvimento das crianças para ser estimulante e provedor do desenvolvimento infantil. A rotina é considerada um item essencial nesta discussão, pois rotina e espaços são elementos indissociáveis do fazer educativo.

Verificaram-se, na revisão de literatura, estudos que tratam do tema desta pesquisa ao discutir a infraestrutura das escolas, sobretudo daquelas que funcionam em prédios adaptados e ainda ao abordarem formas mais adequadas de se organizar os espaços e tempos escolares.

A Educação Infantil é uma fase da educação básica com características muito peculiares. Por isso, pensar no seu padrão de qualidade remete, obrigatoriamente, à discussão dos tempos e espaços escolares. Este debate tem despertado o interesse dos estudiosos da educação na infância e é um campo de estudo em expansão, mas que ainda suscita muitos problemas a serem investigados diante da necessidade de se diminuir a desigualdade existente em sua oferta nos diferentes municípios brasileiros, principalmente no que tange às condições físicas/estruturais das escolas. A criança é um ser biopsicossocial e é preciso garantir-lhe que tenha uma escola que contemple as suas necessidades físicas, biológicas e afetivas, que promova sua socialização, que seja um local de liberdade e não de privação de movimento e de controle dos corpos em salas insalubres e carentes de espaço externo.

Já a segunda fase da pesquisa: a observação, ficou evidente que apesar de funcionar em um prédio adaptado e cedido pela comunidade, a escola dispõe de vários espaços externos à sala de aula para a exploração das crianças, no fazer docente.

A instituição conta com espaços que privilegiam o brincar e a livre locomoção e expressão das crianças como o espaço alternativo, o parquinho, a quadra e as atividades de corpo e movimento. Dá importância à leitura na escola com a biblioteca, a sala de atividades e o espaço alternativo, colaborando para a formação de sujeitos leitores. A alimentação é proporcionada no refeitório e em experiências didáticas na culinária. Promove a higiene pessoal no refeitório e banheiros. Possibilita o entretenimento com sessões de filmes na sala de atividades e no salão de festas, sendo este um lugar onde acontecem eventos comemorativos e festivos (outro espaço que também é utilizado com esta finalidade é o pátio, na festa junina). Há a valorização das produções das crianças nos murais da portaria, do corredor interno e das salas de atividades. Cria oportunidades de interação entre crianças de turmas e idades diferentes no café da manhã, cantoria, almoço, parquinho, salão de festas, espaço alternativo e nas atividades de corpo e movimento.

Dessa maneira, constatou-se que muitos espaços configuram-se em ambientes diversos, que funcionam de forma polivalente e permitem diferentes e criativas formas de interação entre as crianças. Para tanto, são organizados de forma flexível, possibilitando uma reorganização conforme as intenções pedagógicas do professor.

As percepções das crianças acerca dos espaços e da rotina da escola foram verificadas a partir da exploração dos seus diversos espaços. Isso foi possível através da intervenção realizada nessa pesquisa em que os dados levantados nas rodas de conversa e nas conversas individuais indicam que as crianças demonstram satisfação por toda a escola, não havendo manifestação do contrário. Percebe-se que a relevância que a escola dá ao aspecto lúdico contribui consideravelmente para esse agrado, pois foram recorrentes as falas de que na escola há muito brinquedo. A questão espacial e temporal também pode ser percebida como proeminente para o gosto das crianças pela escola. Nas rodas de conversa sobre os diversos espaços houve considerações de que a atividade de corpo e movimento é boa porque acontece no pátio onde tem muito espaço, e também de que brincar no espaço alternativo é bom porque é onde se tem muito tempo para brincar. As crianças demonstram preferir os espaços externos à sala de aula, aqueles que proporcionam experiências lúdicas e recreativas como o espaço alternativo, quadra e o parquinho. Constatou-se, também, que elas dominam a rotina após as dez horas da manhã, quando as atividades se repetem todos os dias. Nos demais horários,

como são submetidas, semanalmente, a experiências em diversos espaços estão constantemente elaborando o entendimento sobre o dia a dia na escola.

A pesquisa atendeu aos objetivos propostos e esta discussão pode ser ampliada com maior dedicação no estudo do tema na perspectiva da história da educação, uma área do conhecimento que pode fornecer informações que ajudem a compreender melhor a situação presente.

Também se vislumbra a complementação deste trabalho com novas pesquisas que abranjam a discussão da organização temporal e espacial da escola na perspectiva dos seus educadores e, além disso, aponta outras possibilidades na medida em que mesmo com a diversidade de espaços tratados neste estudo ainda há lugares na escola que não foram contemplados, que não dialogam imediatamente com as crianças como: cantina, lavanderia, sala dos professores, almoxarifado, direção, secretaria e sala da pedagoga, bem como espaços livres do prédio que também podem ser usados para atividades educativas e que estão ociosos: corredores, amplos vãos próximos às salas de atividades e espaços entre o prédio e a grade externa. Tendo em mente que todos os espaços da escola têm potencial educativo e que novas pesquisas podem problematizar as funções destes espaços, a melhor forma de aproveitá-los e organizá-los é maximizando a estimulação das crianças em todos eles. Tudo isto pode colaborar para que a instituição seja amplamente acolhedora, provedora da cultura e do desenvolvimento infantil em sua integralidade.

## REFERÊNCIAS

ANGELO, A. de. O espaço-tempo da fala na educação infantil: A roda de conversa como dispositivo pedagógico. In: KRAMER, S., ROCHA, E.A.C. (Orgs.) *Educação Infantil: enfoques em diálogo*. 3ª Ed. Campinas: Papirus Editora, 2011. Cap. 3, p. 53-65

ARALDI, Marizete. BASANI, Simone I. Stroka. ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trevisan. Organização do espaço e qualidade de vida: pesquisa sobre configuração espacial em uma instituição de educação infantil. *Educare ET educare: Revista da educação*. Vol.2, nº 4, p. 245-260, jul/dez. 2007. ISSN 1809-5208. Disponível em: <[e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/1668](http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/1668)>. Acesso em: 15 mai. 2013.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Por Amor e Por Força: Rotinas na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Tempo para viver o cotidiano. *Pátio Educação Infantil*, Porto Alegre, nº32 p.08-11, jul/set 2012.

CAMPOS, Maria Malta. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 35 - 42

CRUZ, Silvia Helena Vieira. Ouvindo crianças na Consulta sobre Qualidade na Educação Infantil. In: CRUZ, Silvia Helena Vieira. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 301 - 304

ELALI, Gleice Azambuja. O ambiente da escola - o ambiente na escola: uma discussão sobre a relação escola-natureza em educação infantil. *Estudos de Psicologia*. Vol.8, nº 2, p. 309 a 319, Ago 2003. ISSN 1413-294X. Disponível em: <[www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19047.pdf](http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19047.pdf)> Acesso em: 15 mai. 2013

EZPELETA, Justa. ROCWELL, Elise. *Pesquisa participante* (traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa). São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. nº 14 p.19 a 33, Mai/Jun/Jul/Ago. 2000. Disponível em: <[www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14\\_04\\_LUCIANO\\_MENDES\\_E\\_DIANA\\_GONCALVES.pdf](http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_04_LUCIANO_MENDES_E_DIANA_GONCALVES.pdf)>. Acesso em: 15 mai. 2013.



FRANCISCO, Zenilda Ferreira de. ROCHA, Eloísa Acires Candal. “Zé, ta pertinho de ir pro parque?” O tempo e o espaço do parque em uma instituição de Educação Infantil. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43 – 51

GATTI, Bernadete Angelina. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

HADDAD, Lenira; HORN, Maria da Graça Souza. Criança quer mais do que espaço. *Educação* (São Paulo), v. 1, p. 42-59, 2011.

HORN, Maria da Graça Souza. Sabores, cores, sons, aromas: *a organização dos espaços na educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

JAUME, Maria Antônia Riera. O Ambiente e a Distribuição de Espaços. In: ARRIBAS, Tereza Lieixa. *Educação Infantil: desenvolvimento, currículo e organização*. Porto Alegre, Artmed, 2004, p. 363 – 383.

MACHADO, Maria Goreti Farias. Assistência financeira do PAR em municípios Alagoanos: o Proinfância na ampliação da oferta de vagas da educação infantil. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL. IX Anped Sul 2012. Disponível em: <[www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1388/135](http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1388/135)>. Acesso em 03 jun. 2013

MAZZOTTI, Alda Judith Alves. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ROCHA, Eloísa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In: CRUZ, Sílvia Helena Vieira. (Org.) *A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez, 2008. p. 43 – 51

RYCKEBUSCH, Claudia Gil. *A Roda de Conversa na Educação Infantil: uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www4.pucsp.br/pos/lael/docs/tese\\_final.pdf](http://www4.pucsp.br/pos/lael/docs/tese_final.pdf)  
Acesso em: 15 mai. 2013

VIEIRA, Eliza Reverso. *A reorganização do espaço da sala de educação infantil: uma experiência concreta à luz da Teoria Histórico-Cultural*. Dissertação (Mestrado em Educação)

– Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.  
Disponível em:

<[www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/vieira\\_er\\_me\\_mar.pdf](http://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/Educacao/Dissertacoes/vieira_er_me_mar.pdf)>.

Acesso em: 15 mai. 2013

## ANEXO 1 - ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS EXTERNOS

	VÍDEO	ESPAÇO ALTERNATIVO	SALÃO DE FESTAS	CULINÁRIA	BIBLIOTECA
SEGUNDA	2 ANOS	3 ANOS 3 ANOS	4 ANOS* 5 ANOS*	4 ANOS 5 ANOS	2 ANOS 2 ANOS
TERÇA	4 ANOS 5 ANOS	4 ANOS* 5 ANOS*	2 ANOS 2 ANOS	3 ANOS	3 ANOS
QUARTA	2 ANOS 2 ANOS	4 ANOS 5 ANOS	3 ANOS 3 ANOS	2 ANOS	2 ANOS 4 E 5 ANOS*
QUINTA	3 ANOS 3 ANOS	2 ANOS 2 ANOS	2 ANOS	4 ANOS* 5 ANOS*	4 ANOS 5 ANOS
SEXTA	4 ANOS* 5 ANOS*	2 ANOS	4 ANOS 5 ANOS		

O USO DOS DIVERSOS ESPAÇOS DA ESCOLA INICIA ÀS 08h20min.

\* TURMAS EM QUE A PESQUISADORA E OUTRAS DUAS PROFESSORAS SÃO REFERÊNCIAS.

Fonte: Horário elaborado pela Pedagoga da escola

## ANEXO 2 - HORÁRIO DE DOCÊNCIA DAS PROFESSORAS

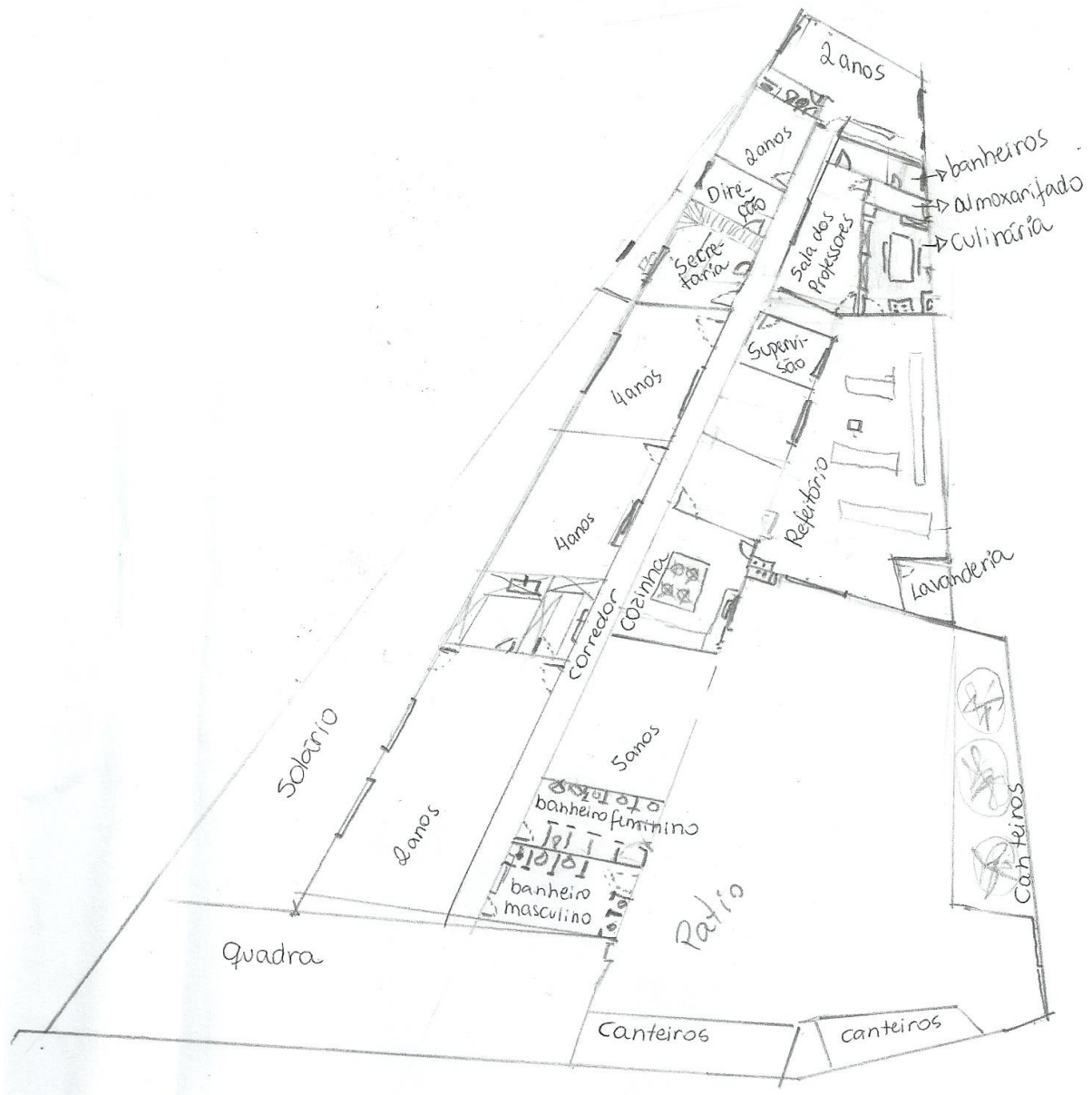
	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
07:00 às 08:30	Márcia - TP Mércia – 4 anos Michelle 5 anos	Márcia - 4 anos Mércia - 5 anos Michelle – TP	Márcia – 4 anos Mércia – 5 anos Michelle – TP	Márcia – 5 anos Mércia – TP Michelle 4 anos	Márcia – 5 anos Mércia – TP Michelle 4 anos
08:30 às 10:00	Márcia - 4 anos Mércia - TP Michelle 5 anos	Márcia - TP Mércia - 5 anos Michelle 4 anos	Márcia – 4 anos Mércia – TP Michelle 5 anos	Márcia – 5 anos Mércia – 4 anos Michelle – TP	Márcia – 5 anos Mércia – 4 anos Michelle – TP
10:00 às 11:30	Márcia - 4 anos Mércia – 5 anos Michelle – TP	Márcia – 5 anos Mércia – TP Michelle 4 anos	Márcia – TP Mércia – 4 anos Michelle 5 anos	Márcia – TP Mércia – 4 anos Michelle 5 anos	Márcia – TP Mércia – 4 anos Michelle 5 anos

TP – TEMPO PEDAGÓGICO

Horário das turmas do Mar e do Rio conforme a rotina do CEMEI Mundo Maior (passível de ser modificada conforme a demanda)					
	SEG	TER	QUA	QUI	SEX
07:00 às 07:20	Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã	Café da manhã
07:20 às 08:00	Brincadeiras em sala / roda de conversa	Brincadeiras em sala / roda de conversa	Brincadeiras em sala / roda de conversa	Brincadeiras em sala / roda de conversa	Brincadeiras em sala / roda de conversa
08:00 às 08:30	Cantoria	Roda de conversa / Sala de atividades	Roda de conversa / Sala de atividades	Cantoria	Cantoria
08:30 às 10:00	Sala de atividades / Corpo e movimento	Sala de atividades / Espaço alternativo	Sala de atividades / Biblioteca	Sala de atividades / Culinária	Sala de atividades / Vídeo
10:00 às 10:20	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço	Almoço
10:20 às 10:35	Escovação dos dentes	Escovação dos dentes	Escovação dos dentes	Escovação dos dentes	Escovação dos dentes
10:35 às 11:00	Parquinho	Parquinho	Parquinho	Parquinho	Parquinho
11:00	Preparação para a saída	Preparação para a saída	Preparação para a saída	Preparação para a saída	Preparação para a saída

Fonte: Levantamento realizado pela pesquisadora

ANEXO 3 – CROQUI DO PRIMEIRO ANDAR (NÃO SEGUE PROPORÇÕES OU ESCALA)



Fonte: Desenho realizado pela Professora Mércia

## FOTOS COMPLEMENTARES

Anexo 4 - Fachada da escola



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Anexo 5 - Portão de saída das crianças



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## Localização do prédio

Anexo 6 – Passado



Fonte: Arquivo da escola

Anexo 7 – Presente



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

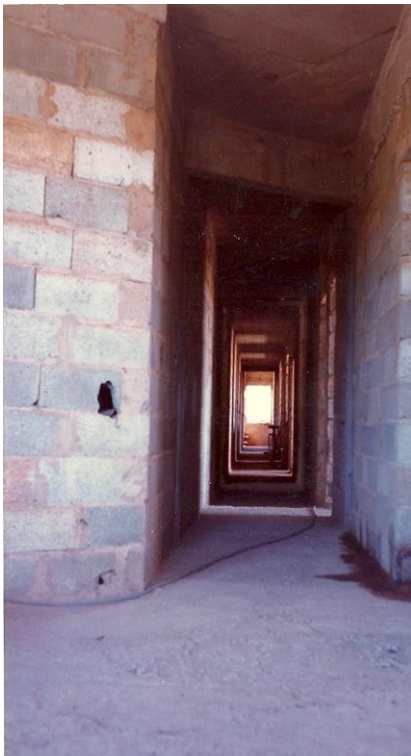
Anexo 8 – Secretaria



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

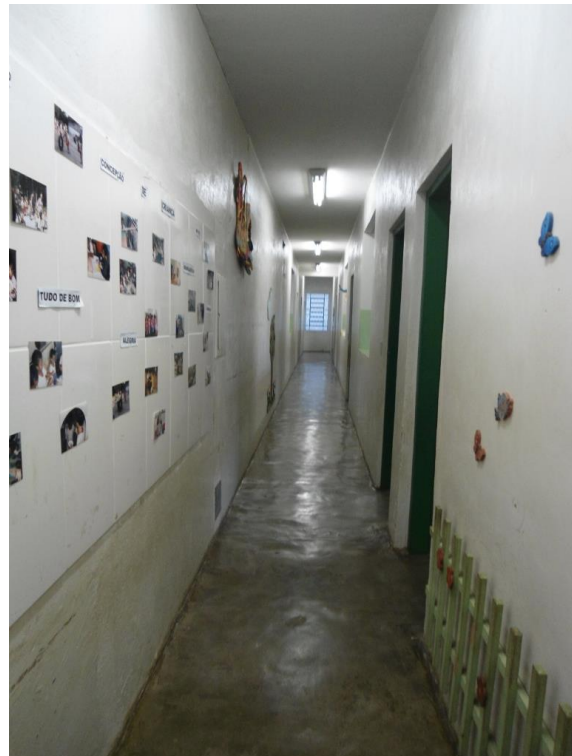
### Corredor interno de acesso à sala da turma pesquisada, no 1º piso

Anexo 9 – Em construção



Fonte: Arquivo da escola

Anexo 10 – Atualidade



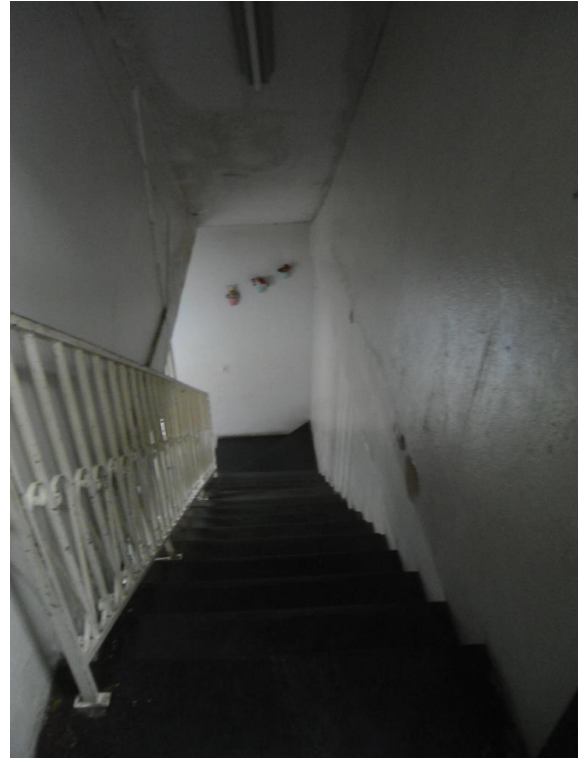
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Anexo 11 – Corredor de acesso ao  
refeitório – 1º piso



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Anexo 12 – Escada de acesso ao  
2º andar



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Anexo 13 – Quadra



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora



Anexo 14 – Solário



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Anexo 15 – Vão de acesso às salas de atividades do 2º andar e da biblioteca



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

## FOTOS COM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA DE CONSTRUÇÃO DO PRÉDIO DA ESCOLA

Anexo 16 – primeiro andar



Fonte: Arquivo da escola

Anexo 17: segundo andar



Fonte: Arquivo da escola

Anexo 18: Fachada da escola



Fonte: Arquivo da escola

Anexo 19: Lateral do prédio



Fonte: Arquivo da escola